

Banca em Análise

Performance anual do sector em Angola

Solidez,
dinamismo
e confiança
Os alicerces
do futuro



Outubro 2012

Deloitte.

Programa Angola Investe

Queremos ver Angola crescer.

- Micro, pequenas e médias empresas certificadas pelo INAPEM
- Juros bonificados com taxa máxima de 5%
- Acesso ao Fundo de Garantia até 70% do Crédito

O BFA acompanha o desenvolvimento de Angola e quer ver a economia angolana a crescer. Por isso aderiu ao Programa Angola Investe, um programa de apoio a empresas e empreendedores singulares de micro, pequenas e médias dimensões. Este programa, com juros bonificados e garantias do Estado, permite financiar projectos de investimento e fundo de maneo ligados ao investimento corpóreo. Apresente o seu projecto de investimento no BFA e juntos vamos ver Angola crescer.

Para mais informações dirija-se a qualquer Balcão BFA ou consulte www.bfa.ao



Consolidar o crescimento



Rui Santos Silva
Country Managing Partner

É com muito gosto que apresentamos a 7.ª edição do estudo *Banca em Análise*. Esta iniciativa anual da Deloitte Angola resulta da compilação e análise de informações financeiras dos bancos que operam no país. O objectivo é proporcionar a todos os agentes económicos uma visão integrada e consolidada do sector bancário e da sua evolução.

Em 2011, a economia angolana apresentou uma taxa de crescimento real moderada, tendo a componente não-petrolífera evoluído fortemente. Também o sistema financeiro continuou a demonstrar uma enorme capacidade de crescimento – em volume de depósitos captados, em crédito concedido ao sector privado e em volume de activos. As taxas de crescimento em todos estes indicadores foram significativamente mais expressivas do que as do ano anterior. Esta evolução é demonstrativa da preponderância do sistema financeiro enquanto facilitador do crescimento económico, sobretudo nos sectores não-petrolíferos.

O crescimento sustentado do sector financeiro é ainda um factor essencial para o acesso do país aos mercados financeiros internacionais. Mas não basta crescer. É fundamental transmitir aos investidores credibilidade, transparência e confiança. Várias alterações legislativas e outras normas regulamentares e de supervisão têm evoluído neste sentido. A melhoria verificada na notação da economia angolana pelas agências externas de *rating* mostra que este é o caminho certo.

Vários estudos avançam com previsões de fortíssimo crescimento da banca angolana até 2020, sendo expectável que o volume total de activos no sistema venha, no mínimo, a quintuplicar. Neste cenário, é fundamental que as organizações apostem continuamente no reforço das suas estruturas – na optimização dos seus processos, na adaptação dos seus modelos de *governance* e gestão de risco, na qualificação das suas pessoas, no desenvolvimento da sua oferta de produtos e serviços, na maior proximidade com os seus clientes. São estes os alicerces do futuro.

Outubro 2012
Banca em Análise

Propriedade:
Deloitte & Touche – Auditores, L.ª
Edifício KN10, Rua Kwamme Nkrumah, 10, 2.º
Luanda, República de Angola
Telefone: +244 222 679 600
Fax: +244 222 679 690
www.deloitte.co.ao

**Concepção, redacção, edição,
produção gráfica e pré-impressão**

media Rumo

Bairro da Talatona, Via AL 16
Residências de Talatona – Bloco 0, Esc. Esq.
Município da Samba – Luanda Sul
Angola
Telefone: +244 931 523 833
geral@rumo.co.ao
comercial@rumo.co.ao

Impressão
Miraventos – artes gráficas, L.ª

Sumário



Banca em Análise 2012

- 6** **Entrevista exclusiva a José de Lima Massano**
Governador do Banco Nacional de Angola
- 8** **Entrevista a Amílcar Azevedo da Silva**
Presidente da Direcção da Associação Angolana de Bancos
- 10** **Entrevistas aos banqueiros**
A análise e as tendências futuras antecipadas pelos líderes dos bancos a operar no mercado angolano
- 54** **Enquadramento macroeconómico**
Em 2011 e parte de 2012 a economia mundial manteve-se retraída. Para 2013 os objectivos de desenvolvimento da China irão condicionar a evolução global
- 60** **Enquadramento Angola**
A evolução do produto interno bruto em Angola em 2011 e as previsões para o encerramento deste ano
- 65** **Estudo Banca em Análise**
Em 2011 verificou-se uma reaceleração do crescimento do sector bancário, apesar do contexto de crescimento económico menos expressivo do país. Registaram-se taxas de crescimento dos principais agregados de depósitos e de crédito de 35% e 17%, respectivamente.
- 76** **Demonstrações financeiras**

M



CARTÕES DE DÉBITO

- ACEITES EM ANGOLA E NO RESTO DO MUNDO
- COM CHIP DE SEGURANÇA E SEM NECESSIDADE DE CARREGAMENTOS
- SEGURO DE VIAGEM PARA OBTENÇÃO DE VISTO SCHENGEN (OPCIONAL)

Com os novos cartões de débito Visa já pode movimentar a sua conta à ordem em Kwanzas de forma rápida, conveniente e segura. Esteja onde estiver, em Angola ou no estrangeiro, os novos cartões personalizados Millennium Angola permitem-lhe efectuar pagamentos em estabelecimentos comerciais e levantamentos em ATM da Rede Visa em todo o mundo. Utilize-os em viagem, nas compras do dia-a-dia ou simplesmente ao virar da esquina. Vá já a um dos 66 balcões do Banco Millennium, presente em todas as Províncias de Angola, com 32 balcões abertos aos Sábados de manhã, e peça o seu.

Mais informações em www.millenniumangola.ao

PEÇA JÁ O SEU
CARTÃO DE DÉBITO VISA
E RECEBA GRÁTIS UMA
CARTEIRA*



www.millenniumangola.ao

*Válido para os primeiros 2.500 aderentes.

OS CARTÕES PARA TODAS AS OCASIÕES

Millennium
Angola

Entrevista exclusiva BNA Reforçar o kwanza é fundamental para crescer



José de Lima Massano
Governador do Banco
Nacional de Angola

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

O sector bancário em Angola mantém a sua tendência de crescimento, com base em informação de balanço referente ao mês de Junho de 2012. Comparando ao período homólogo de 2011, nota-se um crescimento do activo total em torno dos 30%, derivado principalmente

da expansão do crédito à economia em 25%.

Continuámos a assistir a um aumento dos depósitos de cerca de 29,2% no período analisado, o que indica uma maior confiança dos agentes económicos no sistema bancário angolano. O crescimento da banca angolana tem também permitido um maior aprofundamento financeiro e, concomitantemente, uma maior participação dos bancos comerciais na formação do produto interno bruto de Angola.

No caso do BNA, a que preside, quais foram as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados ao longo do último ano?

A consolidação da estabilidade macroeconómica do país é, sem dúvida, a maior conquista no panorama económico-financeiro. O produto interno bruto continuou a registar taxas de crescimento reais positivas e o Executivo consolidou as contas fiscais, terminando os dois últimos exercícios com saldos fiscais positivos. As reservas internacionais líquidas no último ano e meio (Dezembro de 2010 a Junho de 2012), cresceram 12.889 milhões de dólares em valor absoluto, ou 74% em termos relativos, permitindo garantir a estabilidade da taxa de câmbio nominal. Ainda na senda da estabilidade, recentemente Angola atingiu uma taxa de inflação de um dígito (9,87% em Agosto de 2012), sendo uma boa notícia para a protecção dos rendimentos, mas também um importante estímulo para o contínuo crescimento da indústria financeira em Angola

A política monetária e cambial prosseguida pelo BNA, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/internacionais, como o preço das *commodities*), o país reforça a credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas poderão ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas pelo BNA com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

No contexto externo, a evolução da situação económica na Zona Euro e nos Estados Unidos da América determinará o curso da procura mundial e o consequente impacto no preço do petróleo, principal fonte de receitas do nosso país. No contexto interno, projecta-se a recuperação da actividade económica com

as mais recentes previsões do produto interno bruto a apontarem para um crescimento perto dos 9%. O BNA está a tomar medidas no sentido de proteger o sistema financeiro de possíveis choques externos. A "desdolarização" é uma medida que visa diminuir o peso da moeda estrangeira no sistema financeiro angolano e a consequente exposição dos bancos comerciais ao risco cambial. A introdução de regulamentação limitando a concessão de determinadas modalidades de créditos em moeda estrangeira visa esse objectivo. Adicionalmente, o Novo Regime Cambial do Sector Petrolífero impõe que, na sua última fase de implementação, todas as transacções no mercado interno sejam liquidadas em moeda nacional, o que, além de contribuir para o reforço do kwanza como reserva de valor, vai acelerar a inovação no sistema financeiro e dar consistência ao seu crescimento.

Mas há que destacar a introdução de novos processos e procedimentos de trabalho no que diz respeito à governação corporativa, controlo interno, gestão de risco e *compliance*, concorrendo para a sustentabilidade da actividade bancária no país, bem como aproximando-nos mais ainda das recomendações de melhores práticas para o sector.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O programa de governo para o próximo quinquénio não prevê um abrandamento no nível de investimento público. Antes pelo contrário – e tendo no aumento do emprego um dos objectivos principais – assume a manutenção do perfil de investimentos públicos, dando continuidade ao processo de diversificação da economia.

Os bancos comerciais têm que ser parceiros do Executivo neste esforço de criação de emprego, mantendo os níveis de crescimento do crédito à economia que temos testemunhado nos últimos anos. As micro, pequenas e médias empresas, em qualquer economia desenvolvida ou emergente, são o segmento empresarial que mais cria emprego, pelo que há toda a necessidade de se criarem e aprofundarem as soluções dirigidas a este grupo de empresas, sem, no entanto, colocar em risco a saúde dos balanços dos bancos comerciais.

O apoio às pequenas e médias empresas deve ser forte, mas sem pôr em causa a saúde dos bancos comerciais



Amílcar Azevedo da Silva
Presidente da Direcção
da Associação Angolana
de Bancos

Entrevista ABANC

2012 tem sido de melhoria da actividade bancária

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

O ano de 2012 tem-se caracterizado por uma crescente melhoria da actividade bancária, cujos principais indicadores continuam a ser influenciados favoravelmente pelos agregados macroeconómicos, criando expectativas relevantes em relação a todo o exercício do sector.

Depósitos e crédito têm crescido de forma harmoniosa e equilibrada, ligeiramente acima dos indicadores esperados na evolução do PIB. A atribuição de crédito crescente tem sido sustentada por uma tendência de baixa das taxas de juro, hoje mais consentânea com os interesses da clientela.

No caso da associação a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

A questão será de que forma a Associação Angolana de Bancos tem tido um papel importante no âmbito do desenvolvimento do sector. Nesse sentido, a ABANC, acentuadamente, nos anos em que a economia nacional mais se ressentiu da crise financeira internacional, cresceu de importância. Mercê da sua acção enquanto parceira social do governo, viu serem-lhe reconhecidos méritos que muito contribuíram para a estabilidade do sector e da economia, e assim prosseguirá.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O país continua a debater-se com dificuldades na execução dos projectos de investimento em carteira, que nada têm a ver com a liquidez financeira que existe. A dimensão dos projectos, em quantidade e qualidade, estão além das nossas capacidades. Por isso o ano de 2013 será caracterizado pela continuidade na implementação desses projectos, que, por si só, manterão o crescimento em níveis elevados, a par de um maior equilíbrio que se espera com os investimentos privados, cuja tendência de crescimento parece ser relevante, o que será benéfico e desejável para o crescimento da economia do país.



2013 será caracterizado pela continuidade dos projectos de investimento público e crescimento do privado

Em **ANGOLA**
vemos oportunidades,



PARA TODOS.

O nosso compromisso e dedicação aos nossos clientes em todos os países Africanos onde operamos, fez-nos ganhar o prémio de Melhor Banco de Investimento em África. Contacte-nos no Belas Business Park Ed. Cuando Cubango, 8º andar, Luanda, Angola. Tel.+244 226 432 500
www.standardbank.co.za/cib | www.standardbank.co.ao

Seguindo em Frente



Mário Barber
Presidente da Comissão
Executiva

BAI Maior rede comercial e produtos inovadores

Que apreciação faz da evolução do sector financeiro angolano no período em análise?

O sector financeiro angolano continua a apresentar sinais de crescimento, acompanhando assim o ambiente macroeconómico favorável do país. O volume de negócios do sector bancário (depósitos e créditos) cresceu 9% entre Dezembro de 2011 e Junho de 2012, o rácio de solvabilidade registou uma melhoria de 0,2 pontos percentuais no mesmo período, situando-se em 18,7%.

Registou-se igualmente o aumento da taxa de bancarização, que atingiu cerca de 21% da população de todo o país, resultado de iniciativas empreendidas pelo Executivo, tais como a criação do Depósito Bankita e a disponibilização de crédito através do BUE (Balcão Único do Empreendedor).

Neste mesmo período, destaca-se também uma dinamização do sector bancário com a abertura de novas agências por parte dos bancos e com a disponibilização de novos produtos, como, por exemplo, o aumento da oferta no ramo de microcrédito.

É de destacar a actividade desenvolvida pelo Comité de Política Monetária, cujos impactos são bem visíveis em 2012, ano em que pela primeira vez na história se registou uma taxa de inflação de um dígito. Para além disso, regista-se também uma relativa estabilidade cambial e uma gradual diminuição das taxas de juros, a fim de estimular o crescimento da economia.

Contudo, registou-se uma deterioração da carteira de crédito, a julgar pela degradação do rácio de incumprimento, explicado por razões de vária ordem. Este facto está a induzir a banca a reduzir a sua apetência por crédito ao sector privado e a conduzir o sector a refugiar-se em aplicações de menor risco, com impacto negativo na sua rentabilidade e, a prazo, na dinamização da actividade económica.

No caso do banco a que preside, quais foram os prós e contras do mercado durante o último ano?

Durante o ano de 2011, o BAI continuou a desempenhar um importante papel no sistema bancário angolano em particular, bem como na economia em

geral, expandindo a sua rede comercial e lançando uma gama de produtos novos (Mobile Banking, BAI Executivo, BAI Alta Liquidez, Cartão Kamba), a fim de proporcionar aos clientes soluções inovadoras e cada vez mais eficientes.

Neste mesmo ano, o BAI marcou a história da banca comercial nacional ao atingir activos líquidos superiores a 11 mil milhões de dólares, consolidando a sua posição de líder no mercado em termos deste agregado.

Em Novembro de 2011, o Banco comemorou o seu 15.º aniversário de existência, tendo, nesta altura, inaugurado provisoriamente o edifício da Academia BAI, enquanto o início das suas actividades se deu em Março de 2012, concretizando assim o objectivo de criar uma instituição de ensino que formará recursos humanos no sector financeiro e afins com elevada excelência e alta qualidade, que tenham capacidade de inovação, competitividade e criação de riqueza num ambiente de mudança rápida, cada vez mais exigente a nível nacional e internacional.

O desempenho registado neste ano permitiu ao BAI ganhar prémios, tais como por exemplo o World Finance para o Melhor Grupo Bancário em Angola e o Euromoney para o Melhor Banco em Angola. Permitiu ainda melhorar em duas posições o *ranking* dos maiores bancos a nível de África (The Banker – 2012), ocupando a 20.ª posição.

Apesar de um cenário pouco optimista da economia mundial e da significativa redução das taxas de juro no mercado nacional, o BAI conseguiu obter resultados satisfatórios, que, em parte, foram alcançados devido aos esforços empreendidos no sentido de melhorar a qualidade dos nossos serviços e atendimento.

Na altura em que faço estas considerações já esses resultados passaram à história. Hoje, o BAI enfrenta o desafio de melhorar a qualidade da sua carteira de crédito, reforçando e aperfeiçoando as suas políticas de concessão e de avaliação do risco de crédito, dadas as dificuldades que se registam no cumprimento pelos mutuários das suas obrigações, facto que origina um esforço de provisionamento com um impacto negativo nos nossos resultados.



O que é necessário para dar sustentabilidade ao sector financeiro, e ao seu banco em particular?

Para ser considerada sustentável, a actividade bancária precisa de reunir um conjunto de indicadores. Em primeiro lugar, salienta-se a importância dos rácios de capital, como o rácio de solvabilidade regulamentar e os fundos próprios regulamentares, reflectindo a capacidade de um banco de suportar as perdas inesperadas. Os rácios de liquidez são igualmente relevantes, pois permitem honrar com os compromissos. No entanto, os activos mais líquidos podem prejudicar a rentabilidade de um banco, pelo que a gestão de riscos assume um papel essencial para permitir a continuidade do negócio. Por último destacam-se a qualidade dos activos, que, devido aos acontecimentos recentes (crise financeira), se tornam cada vez mais essenciais. O rácio de incumprimento e o de cobertura são exemplos deste tipo de indicadores, que requerem gestão rigorosa. Relativamente aos segmentos, o BAI dará continuidade à implementação do seu plano estratégico, focalizando a sua actividade nas grandes e médias empresas, sector público administrativo e particulares de renda estável, com um modelo de atenção diferenciado para clientes *premium* e *private*, mantendo o volume de negócios diversificado numa base de clientes mais alargada.

Como pretende o BAI dar resposta a uma classe emergente de novos clientes?

A emergente classe média/média alta no país proporciona um segmento de clientes cada vez mais exigentes. Neste sentido, as soluções de reforma permitiriam aos clientes planear a mesma segundo as suas necessidades futuras, solução esta que não é dada pelas instituições de reforma tradicionais. Preocupados com o seu (e o dos seus familiares) bem-estar a longo prazo, estes clientes com certeza desfrutariam de um leque de soluções de poupança mais alargada, bem como dos fundos de investimento. A criação de melhores condições para o acesso ao crédito à habitação deverá constituir um importante desafio para os bancos, sendo necessário captar poupança e recursos financeiros com perfil temporal adequado ao carácter de longo prazo do crédito à habitação.

Que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro?

A manutenção da tendência da redução da taxa de inflação com certeza colocará o sector da banca perante novos desafios. Tendo em conta o retalho e o *private banking*, e supondo a diminuição dos *spreads* dos bancos (como consequência da redução da inflação), conclui-se que os bancos terão que aumentar as suas carteiras de crédito para poderem manter a rentabilidade. A continuação da descida da inflação implicaria a redução das taxas de juro, o que poderia provocar a diminuição dos recursos dos clientes, uma vez que os mesmos veriam certas aplicações como pouco rentáveis. Neste contexto, dever-se-á apostar no aumento da taxa de bancarização através do aumento de eficiência e eficácia para captação de novos clientes, apostando no aumento de penetração de produtos para aumentar a fidelização e a rentabilidade (crédito, aplicações, cartões, transferências, estrangeiro, etc).

O BAI tem vindo a desenvolver iniciativas que visam melhorar o nível de serviço nos segmentos de banca de retalho e *private banking* através do desenvolvimento dos canais alternativos, com enfoque nos electrónicos.

O banco e o sector estarão preparados para um novo ciclo de vida do país, eventualmente com menor investimento público?

Os investimentos públicos efectuados pelo Estado envolvem o sector privado, na medida em que o Estado adquire bens e contrata serviços provenientes deste sector. Num cenário de abrandamento dos investimentos do Estado, reduz-se também o envolvimento do sector privado nas operações. Como consequência, as empresas podem começar a enfrentar dificuldades em honrar os compromissos, incluindo os compromissos com as instituições bancárias, o que teria impacto na rentabilidade dos bancos. Este cenário exigiria maior focalização na qualidade das suas carteiras de crédito e uma gestão de risco de crédito mais cuidadosa. No entanto, o papel da banca no financiamento ao sector privado não se altera.



Fernando Mendes Teles
Presidente do Conselho
de Administração

Banco BIC

Aposta no crédito habitação e automóvel

Que apreciação faz da evolução do sector financeiro?

2012 está a ser um ano em que a banca continua a crescer. Continua a abrir mais agências e a contribuir para o aumento da bancarização. Estamos em Setembro e, pelos números existentes, há crescimento das aberturas de contas e o número de agências, dos depósitos e do crédito que se tem vindo a efectuar. Também é verdade que, por ter havido eleições, o Estado teve que injectar mais dinheiro na economia, e isso é sempre positivo para o crescimento.

Estamos a falar de que nível de bancarização?

Julgo que a bancarização em Angola deve estar à volta dos 20%. É verdade que a população é muito jovem, mas tem havido muita abertura de contas e há também o contributo do Programa Bankita, que foi introduzido pelo Banco Nacional de Angola.

O Programa Bankita foi positivo para o Banco BIC?

Foi positivo. Abrimos muitas contas a nível das pequenas agências, porque os clientes tinham receio por não conhecerem o funcionamento dos bancos, mas nós aderimos ao Bankita e divulgámos o programa, sobretudo a nível das províncias.

Já inaugurámos mais 17 agências este ano. Além disso, o ano passado abrimos mais 25 agências, o que faz com que cheguemos mais próximo das populações. Somos o banco que vai mais longe a nível dos municípios.

Quais foram as maiores vitórias e quais foram os obstáculos encontrados no último ano?

A crise não chegou com muita força a Angola e continua a investir-se muito, sobretudo em construção. É verdade que, com as eleições, o mercado tem tendência a reanimar, mas houve pessoas que pararam os seus investimentos, aguardando pelas eleições. As eleições já passaram e agora as pessoas que têm dinheiro ou crédito na banca irão continuar a investir e a permitir também que a economia se desenvolva.

Angola, como é um país produtor de petróleo, tem-se preparado através do Angola Investe. É verdade que o governo não tem estado a pagar a alguns empresários,

até há algumas queixas, pois têm muito dinheiro para receber. Mas o governo, paulatinamente, vai pagando e isso irá permitir que mais dinheiro entre no mercado. Espera-se que os empresários invistam noutras áreas, como agricultura e pecuária. É importante que haja o Angola Investe e, especialmente no primeiro ponto, um claro investimento na agricultura e na pecuária. Essa é uma estratégia correcta.

Nós, BIC, candidatamo-nos aos financiamentos através do Programa Angola Investe e esperamos que daqui a um ano tenhamos muito mais crédito.

O BIC, hoje, tem quase 5,5 mil milhões em recursos. Temos, em créditos utilizados pelos clientes, cerca de 3,2 mil milhões de dólares, mas temos uma grande margem para continuar a crescer e para continuar a apoiar as empresas. Estamos no bom caminho.

Acredito que o final de 2012 e 2013 vão ser bons anos para Angola, em termos de crescimento das várias indústrias que estão a ser lançadas, e também da agricultura, pecuária e pescas. São sectores que se irão expandir, a par dos petróleos e dos diamantes e de outros minérios, como é o caso de novos projectos da Jamba com a produção de ferro, algo que esteve parado durante muitos anos, mas hoje já há uma grande actividade.

Para os jovens da nova classe média e média alta, potenciais clientes, que tipo de novos produtos e serviços estão a ser desenvolvidos no âmbito da captação de poupança e créditos quer na habitação quer no consumo?

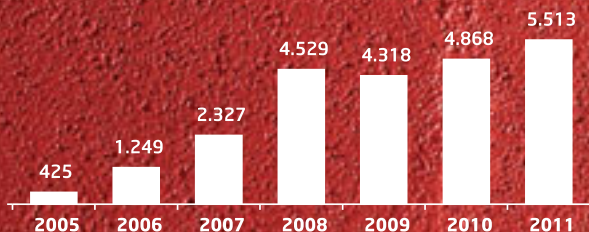
Estamos a fazer crédito à habitação, crédito automóvel e estamos a fazer crédito com base no salário. Além disso, estamos preocupados em fazer crédito pessoal, para fazer outro tipo de actividade.

Mas o drama maior da juventude é ter emprego, porque quem tem emprego consegue sobreviver. Aquilo que gostaria de dizer é que uma parte significativa dos nossos trabalhadores são licenciados e cerca de 80% andam na universidade, o que é importante, porque no futuro vão ser grandes quadros do BIC e alguns poderão até sair do BIC para abraçar outras empresas – o que não é drama nenhum.

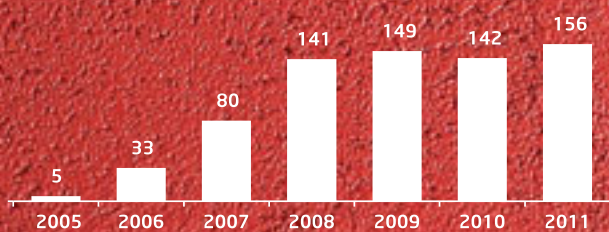
Crescemos Juntos.

Ano após ano, continuamos a crescer em Angola.

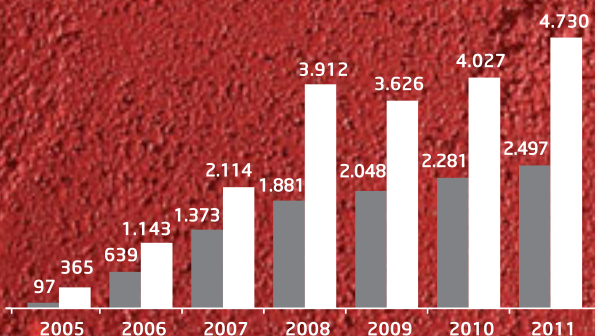
ACTIVO LÍQUIDO*



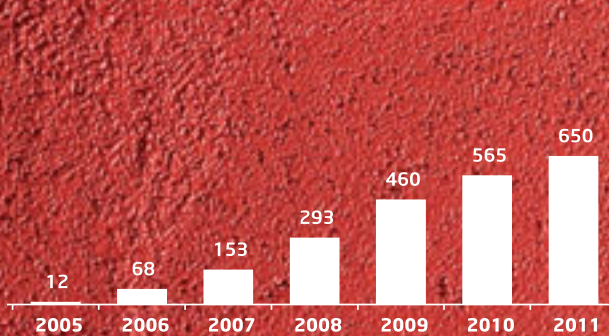
RESULTADO LÍQUIDO*



VOLUME DE NEGÓCIOS*

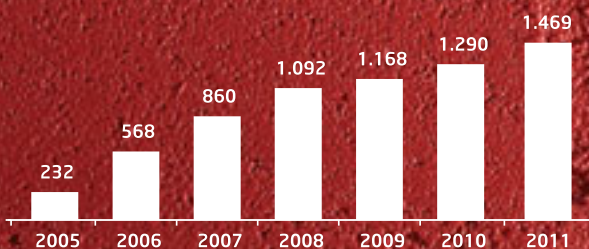


FUNDOS PRÓPRIOS*

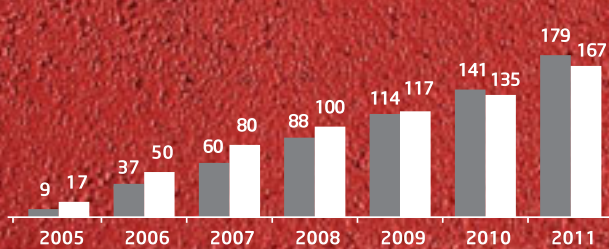


■ Crédito a Clientes ■ Recursos de Clientes

COLABORADORES



UNIDADES COMERCIAIS E ATM'S EM ANGOLA



■ Número de ATM's ■ Unidades Comerciais

* Dados Financeiros em milhões de USD



Banco BIC

Crescemos Juntos

O sistema financeiro está consolidado e o BNA tem trilhado o percurso certo

Na sua opinião, quais são os indicadores ou segmentos que considera mais determinantes para assegurar o crescimento e estabilidade do negócio da banca, e em particular do banco que lidera?

Todos os sectores são importantes para nós e para o país, para criar desenvolvimento e novos postos de trabalhos. Não podemos só pensar nas pessoas com muitas habilitações; acho que os sectores onde tem que se investir muito e rapidamente são os da agricultura e da pecuária.

São sectores que precisam de mão-de-obra intensiva. Sou agricultor, tenho fazendas e vejo que em cada fazenda tenho 50 a 70 trabalhadores; isso é que é criar postos de trabalho, mesmo que não sejam remunerados da mesma forma que as pessoas com mais habilitações, mas a verdade é que todos precisam de sobreviver.

Podem criar-se postos de trabalho mais rapidamente também na área mineira, seja que tipo de minério for – ferro, diamante, ouro, magnésio – e na agricultura, na pecuária e na pesca.

Além disso, a aposta no sector industrial passa por todo o tipo de fábricas que possam substituir a importação de mercadorias, porque Angola precisa muito rapidamente de produzir, por exemplo, cana-de-açúcar. Imagine só as empresas que estão no mercado de refrigerantes; todas elas importam mensalmente toneladas de açúcar para introduzir no refrigerante.

Ora, isso é algo que Angola já produziu e sabemos que tem condições para produzir este tipo de produto.

Há projectos que já estão a avançar nesse caso, mas, para além disso, temos que substituir tudo que é importação de frutas, milho, arroz.

Mas, para haver maior aposta na indústria, isso não passaria também pelo reforço do sector energético?

Está-se a fazer tudo ao mesmo tempo. Ao nível energético, a falha é sobretudo a nível dos investimentos; ou seja, o governo não fez todos os investimentos que poderia fazer na electricidade ou na canalização da água porque foram muitos anos de guerra e hoje não se consegue fazer tudo num dia.

Também os projectos agrícolas precisam de electricidade. Temos que levar electricidade às zonas rurais, às fazendas, mas o mais importante é que a electricidade esteja nos grandes municípios e depois tentar levá-la aos locais onde há fábricas, porque essas têm dificuldades em funcionar

só com geradores a gasóleo. Mas o governo tem, nesta área, decisões já tomadas para aumentar a capacidade eléctrica no país.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Acho que o sistema financeiro angolano está consolidado. O Banco Nacional de Angola tem estado a fazer um bom trabalho; a equipa é jovem, mas tem conhecimento da banca e há quadros que até vieram da banca comercial. São pessoas com experiência.

Angola tem 23 ou 24 bancos comerciais, grande parte deles já a funcionar, há muita concorrência e isso obriga a que cada um dê o seu melhor. Poucos sectores de actividade são tão modernos como o sector bancário, porque é um sector que consegue fazer todas as operações.

Temos acesso aos bancos através da Internet, do telefone ou do computador e as próprias empresas já fazem transacções pela Internet; quer dizer que o sector bancário é moderno e eficiente.

Podem dizer que há muita juventude na banca e nem tudo é bem feito. Mas também há que ter em conta que os bancos se expandiram rapidamente. Quando comecei, há 20 anos, na altura éramos quatro bancos e hoje são mais de 22. É um sector de actividade que cresceu muito, com novas pessoas; nos nossos 1600 trabalhadores, a média é de 28 anos.

Julgo que a política monetária tem sido acertada. Tem havido estabilidade cambial e está a conseguir-se baixar a inflação e a fazer-se os pagamentos ao exterior atempadamente.

As pessoas, às vezes, queixam-se dos pagamentos ao exterior, mas não há grandes atrasos; já não são duas semanas, são três ou quatro dias. O importante é que as pessoas têm que ter dinheiro para fazer os pagamentos, têm que ter kwanzas ou têm que ter crédito para os bancos lhes emprestarem dinheiro para fazerem pagamentos ao exterior. O BNA está a gastar semanalmente entre 100 a 150 milhões de dólares para fazer face a esses pagamentos ao exterior e, quando é necessário reforçar com mais leilões, o BNA tem procurado efectuá-los. Acho que a política seguida pelo banco central tem sido uma boa política.

MPME'S CRÉDITO BONIFICADO

DAMOS MAIS CRÉDITO AO FUTURO DE ANGOLA



Mais actividade económica, mais emprego, mais produção nacional, mais lucro, mais sucesso, mais riqueza, Mais Angola.



ruidovisual.pt

A linha de crédito bonificada MPME's, foi criada para facilitar o financiamento das PME's em investimentos de imobilizado corpóreo ou para o reforço do fundo de maneio.

Pretendemos contribuir para o alargamento do tecido empresarial Angolano, contribuindo para o aumento da oferta de produção nacional e estimular e fortalecer o espírito de empreendedorismo.

Visite já o balcão Caixa Totta mais perto de si.

**Caixa Totta**
Banco Caixa Geral Totta de Angola

Investir no Presente. Conquistar o Futuro.



Fernando Marques Pereira
Presidente do Conselho
de Administração

Banco Caixa Totta 2012 será o ano da solidez da banca angolana

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

Estamos convictos de que este ano de 2012 contribuirá, à semelhança do registado nos anos anteriores, para o reforço da solidez da banca angolana, com a apresentação de resultados francamente positivos e, aspecto que reputamos da maior importância, com uma nítida melhoria nos aspectos organizacionais, gestão de riscos e modelo de governação.

No caso particular do Banco Caixa Geral Totta de Angola (Caixa Totta), conseguimos nos primeiros nove meses do ano um crescimento da margem financeira e produto bancário acima dos dois dígitos, mantendo sempre os custos controlados, o que permitirá certamente atingir, no final do ano, um resultado acima do verificado em 2011.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

A acentuada descida das taxas de juro no mercado, em especial na dívida pública, bem como a escassez da oferta desses títulos no mercado, constituiu um desafio para a banca, tradicionalmente excedentária de liquidez.

O Caixa Totta vem respondendo a esta situação, na linha, aliás, do que entendemos ser a orientação das autoridades, com um forte incremento do crédito à economia, em especial no segmento de empresas, que constitui o alvo privilegiado de actuação do Caixa Totta. O crescimento da carteira de crédito e o incremento da posição do banco nas operações de comércio externo, fortemente sustentado na rede internacional que o Caixa Totta dispõe através dos seus principais accionistas bancários (Caixa Geral de Depósitos e Banco Santander Totta), veio, assim, possibilitar ao banco um acréscimo de margem pelo efeito volume.

Considerando os níveis de incerteza que pautaram e ainda estão presentes nos mercados financeiros internacionais,

o Caixa Totta procurou manter um controlo permanente sobre o risco cambial, tendo sempre uma posição consolidada neutral, o que não significa que o banco não mantenha uma posição importante na captação de dólares quer através da participação nos leilões regulares do Banco Nacional de Angola quer na compra a clientes, de forma a corresponder às necessidades daquela moeda por parte da sua clientela.

Por último, não queremos deixar de realçar de entre os aspectos que merecem uma atenção especial do Caixa Totta a colaboração com o Banco Nacional de Angola, procurando corresponder à exigente mas necessária reforma normativa que está em curso no mercado financeiro angolano, que o irá colocar num patamar dos mais evoluídos a nível regional e mesmo internacional, quer em termos de supervisão quer de transparência do mercado.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (*core*) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

O segmento das empresas irá continuar a ser determinante para o crescimento do Caixa Totta nos próximos anos. O crescimento económico angolano irá permitir o desenvolvimento do tecido económico, com uma taxa elevada de natalidade de empresas, com especial destaque para as PME, que irão permitir, ao mesmo tempo, fazer crescer o mercado interno, aumentar a oferta de serviços, substituir as importações e reduzir os valores do desemprego, pois é conhecido que são sobretudo as PME que geram emprego.

O Caixa Totta irá responder a este desafio com um aumento no número dos seus centros de empresas, com uma atenção e oferta especializada neste segmento do mercado, mas também reforçando o seu nível de serviço às empresas na rede tradicional, que verá aumentada a sua capilaridade, atingindo as 75 unidades nos próximos anos.

Irá também ser dada uma atenção especial à inovação, com o lançamento de novos produtos, em especial nos produtos de crédito e nos meios de pagamento.



Os hábitos de poupança têm de ser estimulados

Este processo implica maiores exigências por parte do banco quanto aos seus modelos de análise do risco de crédito e na adequação dos seus preços face aos diferentes níveis de risco.

Face à emergência de uma classe média/média alta nacional, especialmente jovem e urbana, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

Creemos que têm de ser estimulados os hábitos de poupança, pois é sempre prudente que os bancos não financiem a 100% as aquisições efectuadas pelas famílias, mesmo no crédito à habitação, pois assim estamos a garantir que mantenham alguma disponibilidade de rendimentos face a situações inesperadas. A experiência que ocorreu na Europa e EUA conduz-nos a procurar que se evitem no mercado financeiro angolano os excessos de endividamento das famílias, pelo que pensamos que devem ser privilegiados os produtos de poupança (caso da poupança-habitação) para fazer face a investimentos futuros com uma parcela importante de capitais próprios, pelo que importa a sua dinamização e eventual aumento dos respectivos incentivos.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável, o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas na banca de retalho com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Consideramos que o Banco Nacional de Angola está a fazer um óptimo trabalho no âmbito das políticas macroeconómicas, que permitiram chegar a níveis históricos de taxa de inflação.

Com o conjunto de medidas que estão em curso, nomeadamente a Lei dos Petróleos, estamos certos de que entraremos noutra patamar de desenvolvimento do sistema financeiro, com um mercado monetário cada vez mais líquido.

O arranque a breve prazo do Bolsa de Valores também irá contribuir para a solidez do sistema, ao permitir que as empresas, e também os bancos, encontrem novas formas de financiamento no mercado e, mais importante que isso, possam contribuir para a oferta de novos produtos, nomeadamente na área de gestão de activos.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria à banca no financiamento ao sector privado?

O eventual abrandamento do investimento público iria implicar um crescente peso do investimento do sector privado na economia e do investimento directo estrangeiro, por forma a manter taxas de crescimento do PIB a níveis elevados.

É patente que as autoridades, através, por exemplo, do Programa Angola Investe, e os bancos, ao aderirem de forma empenhada a estes programas, estão a lançar as bases para que o crescimento da economia se baseie cada vez mais no reforço do sector empresarial privado.

A banca nacional tem, ao longo dos últimos anos, tido um papel importante no financiamento da economia, aspecto que irá certamente acentuar-se nos próximos anos, implicando, obviamente, que se mantenham com rácios de transformação adequados à manutenção de um baixo risco de liquidez e com um elevado nível de solvabilidade, aspecto onde o Caixa Totta pontifica ao apresentar um rácio acima da média dos restantes bancos do sistema e ainda muito acima do mínimo legal.



Filipe Martins
Presidente do Conselho
de Administração

BCA Depósitos poupança têm vindo a crescer

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise?

No ano de 2012, sentimos de forma expressiva os efeitos da política do governo de desdolarizar a economia.

Neste quadro, registamos no ano de 2012 uma evolução negativa dos depósitos em moeda estrangeira em quase 2%, em contraposição aos depósitos em moeda nacional, que cresceram cerca de 13%.

Analisado o crédito por sector, constatamos que o sector privado reforça o seu papel. A queda abrupta das taxas de juro iniciada em meados de 2011 animou o crédito para o sector privado.

O Estado e o sector público têm recorrido de forma moderada ao financiamento interno.

As medidas de política monetária tiveram o seu efeito, alterando o rácio de transformação, que revela uma maior canalização dos recursos para o crédito, em vez da compra de títulos do Estado ou do BNA.

Que sinais têm sido dados e que asseguram a sustentabilidade deste sector?

O mercado financeiro angolano iniciou a sua liberalização e desenvolvimento na última década. O seu apreciável crescimento deveu-se ao aproveitamento de um mercado ainda por explorar, que pouco a pouco vai amadurecendo. Atentemos, por exemplo, à evolução da taxa de bancarização da população angolana. Aproveitando esta janela de oportunidade, a banca angolana cresceu rapidamente, tanto em termos de volume, com os seus balanços a fortalecerem-se todos os anos, como nos seus índices de rentabilidade.

Esta evolução recente foi alavancada pelo crescimento da economia, com o PIB, durante vários anos, a crescer a taxas de dois dígitos, pelas altas taxas de juro que o mercado permitia e pelo enorme crescimento do crédito, particularmente o crédito ao consumo.

Este crescimento está agora maduro. O crescimento do PIB, nos últimos dois anos, estabilizou e as taxas de juro, nomeadamente nos instrumentos de dívida pública, baixaram drasticamente de valores perto dos 20% para valores na ordem dos 4%. Com os custos de angariação do *fundings* a crescerem, todos estes factores

combinados têm um efeito enorme sobre os balanços e as demonstrações dos resultados dos bancos, que se acentuam este ano. O crescimento dos bancos e a sua rentabilidade irão certamente sofrer bastante e dificilmente conseguirão manter os níveis registados nos últimos anos.

Numa palavra, diria que os rácios que mais influenciarão o negócio da banca em Angola nos próximos anos, a sua sustentabilidade e crescimento serão os seus níveis de liquidez, a sua solvência e rentabilidade. Enquanto prevejo que, em termos de liquidez e solvência, a banca angolana não venha a experimentar problemas nos próximos anos, já a rentabilidade está sob forte pressão.

Que novos produtos e serviços podem surgir no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo) de uma emergente classe média?

Existe actualmente uma classe média emergente em Angola. Apesar da sua dimensão ainda reduzida, tem vindo a crescer rapidamente, e tenderá a crescer tanto em número como em rendimento disponível. Ajudará a definir com mais rigor os produtos e serviços que a banca deverá colocar ao seu dispor: para além de serem bem formados, são, sobretudo, bem informados, viajam, têm a ambição de realização pessoal e profissional, estão a constituir família, alimentam o sonho de casa própria.

As características desta nascente classe média e as suas necessidades sofisticadas fazem com que estes jovens mantenham uma relação exigente com todos os bancos, constituindo um factor impulsionador a inovação e sofisticação dos produtos. Não existindo ainda um mercado de capitais, os produtos de poupança disponíveis estão ainda muito limitados aos tradicionais depósitos a prazo ou aos depósitos poupança. É sobretudo nos depósitos poupança que assistimos a uma diversificação e evolução acentuadas. Após a regulamentação das contas poupança habitação, é minha convicção que os jovens de Angola acabarão por aderir de forma expressiva a este produto. Por outro lado, a utilização massiva dos cartões de crédito passará a constituir a grande inovação no futuro próximo.

A REVISTA DE ECONOMIA E NEGÓCIOS PARA QUEM QUER TER SUCESSO EM ANGOLA



**Assine
a Rumo**
versão impressa
ou digital

1 ANO (12 EDIÇÕES) 18% DESCONTO
2 ANOS (24 EDIÇÕES) 27% DESCONTO

A Rumo é revista mensal que lhe dá *business intelligence*, em Angola e em Portugal. A Rumo é uma marca de informação dedicada aos negócios e à economia, também disponível no seu tablet e no site www.rumo.co.ao. A Rumo é uma insignia angolana com visão cosmopolita, para quem quer ter sucesso em Angola.

Para Assinaturas contacte: em Angola: +244 924 3489 88 ou envie o seu pedido para geral@rumo.co.ao; em Portugal (ou noutro país): +351214698801

Aceda a www.assineja.pt ou envie o pedido para apoio.cliente.jp@impresa.pt



A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/ internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

No pressuposto de se continuar a registar uma evolução positiva da economia angolana, identificamos um conjunto alargado de medidas cuja aplicação racional e gradual pode reforçar a solidez na banca.

Uma parte destas medidas podem ser financeiras, outras de valores intangíveis, e podem ser instrumentos como também aspectos de política monetária.

Durante os últimos anos foram lançadas críticas relativamente à qualidade do serviço prestado pela banca angolana, bem assim como a falta de alinhamento das políticas e procedimentos com aquelas que são as boas práticas internacionais sobre a matéria.

Neste sentido, a adopção de políticas de recrutamento rigorosas, a contínua formação e qualificação do capital humano e o aumento das competências deverão continuar a constituir a principal prioridade dos bancos. Fraquezas neste domínio poderiam revelar-se num veneno mortífero.

A modernização da infra-estrutura informática, a densificação dos procedimentos, o reforço dos controlos internos, a adopção das práticas e instrumentos antibranqueamento de capitais constituem, de igual forma, desafios a vencer.

O desenvolvimento do mercado interbancário, o mercado secundário, e a possibilidade de realização de transacções com maior prazo contribuiriam igualmente para melhorar a prestação do mercado financeiro.

O anunciado arranque da Bolsa de Valores irá contribuir para sinalizar a solidez do sistema financeiro e

constituirá um sistema alternativo para financiamento ao investimento.

Com as eleições de Agosto fechou-se um ciclo político e económico e abriu-se outro. O fomento do investimento público foi a nota dominante ao longo do último ano, e isso teve forte impacto na banca e em todos os sectores da economia. E para 2013 quais as suas estimativas?

O investimento do sector público é estruturante pelo seu papel indutor do investimento privado nacional e estrangeiro.

O Estado continuará a adoptar políticas públicas incentivadoras do investimento privado. Estou a lembrar-me do Programa Angola Investe, cujos instrumentos de bonificação de taxas de juro e garantias de crédito poderão converter-se numa ferramenta que irá cumprir quatro grandes objectivos, designadamente:

- Fortalecimento da classe empresarial;
- Aumento do crédito à economia, sobretudo à economia não petrolífera;
- Fomento do emprego;
- Alargamento da base tributária.

Por outro lado, pela via do desenvolvimento das parcerias público-privadas (PPP), poderemos assistir a uma aceleração do desenvolvimento ao nível das infra-estruturas, com oferta aos cidadãos de serviços públicos significativamente melhorados como consequência do uso eficiente dos fundos públicos, mas empregues num contexto de melhor gestão e repartição dos riscos, fruto também de uma estrutura organizacional transparente e ajustada, porque é necessário assegurar um justo equilíbrio entre os interesses de todas as partes envolvidas. Para concluir, é, contudo, preciso não esquecer que uma parceria é uma relação comercial pela qual os sectores público e privado partilham riscos e recompensas, mas também responsabilidades pelo sucesso ou pelo insucesso futuro. Estes não podem apenas ser custeados pelo Estado, ou, dito de outro modo, pelos contribuintes angolanos, ou, melhor ainda, pela actual ou futuras gerações, como acontece noutras paragens.



CRESCEMOS COM OS NOSSOS CLIENTES.

O BANCO BNI acompanha o crescimento do País. O BNI trabalha todos os dias com paixão, para o ajudar a concretizar os seus negócios, a rentabilizar as suas poupanças e tornar os seus sonhos realidade. Com uma Nova Sede e uma Rede em crescimento, de mais de 60 Agências e 6 BNI PRIME em Angola e a inaugurar, em breve, o BNI EUROPA em Portugal (Lisboa), o BNI cresce para estar sempre mais perto de si.

Crescemos consigo. Cresça com o BNI.





Filomeno Ceita
Presidente do Conselho
de Administração

BCI Quer ser um “banco novo” daqui a um ano

A evolução do sector financeiro angolano no período em análise que apreciação lhe merece?

O sector financeiro angolano tem conhecido uma evolução significativa nos últimos anos, quer pelo incremento do número de instituições a operar em Angola, quer pela diversificação dos produtos e serviços. Refira-se que operam actualmente 22 instituições financeiras bancárias, ou seja, bancos, e que importa destacar que houve uma duplicação desde 2005, porquanto em 2004 operavam em Angola apenas 11 bancos. A dinâmica de crescimento do país tem estimulado a entrada de novos operadores nacionais e estrangeiros no sector bancário, de resto o que mais cresce depois do sector petrolífero.

Constata-se não só um crescimento orgânico, espelhado numa rede de mais de 1500 balcões espalhados pelo país, mas também uma gama de produtos e serviços colocados à disposição do público, e isto fortemente influenciado pela modernização do sistema de pagamentos, processo liderado pelo Banco Nacional de Angola na qualidade de banco central.

Portanto, podemos considerar o sistema financeiro angolano como bastante interventivo no processo de crescimento do país, que, aliás, releva da complementaridade entre ambos. Se, por um lado, a economia necessita do sector financeiro para alavancar o seu crescimento, por outro o sistema financeiro retira da economia os recursos temporariamente livres para exactamente financiar a economia na sua função de excelência de intermediação financeira.

Como forma de diversificar o tipo de instituições financeiras, conforme expresso na Lei 13/05, de 30 de Setembro, o Banco Nacional de Angola publicou, em finais de 2011, diplomas regulamentares do processo de instrução do pedido de autorização, bem como o estabelecimento dos requisitos mínimos de funcionamento das sociedades de microcrédito e das sociedades cooperativas de crédito, e dos diplomas

que regulam o processo de constituição das sociedades de cessão financeira (*factoring*) e das sociedades de locação financeira (*leasing*), e as correspondentes normas prudenciais aplicáveis a este tipo de sociedades.

Em nosso entender, a criação deste tipo de instituições vem consolidar o sistema financeiro angolano e, por via disso, colocar à disposição dos agentes económicos mais instrumentos de financiamento dos seus projectos, com os ganhos daí decorrentes.

Entretanto, temos consciência de que o caminho a percorrer ainda é longo se olharmos para a repartição geográfica da rede bancária, em que cerca de 75% se concentram no litoral, com destaque para a capital, bem como o índice de bancarização da população, que se situa abaixo de 20%.

Que vitórias alcançadas pelo banco ao longo do último ano merecem destaque?

Podemos dividir as vitórias alcançadas em dois níveis: a nível interno, podemos realçar a normalização do funcionamento do BCI como instituição financeira, quanto aos seus órgãos sociais e a mobilização dos trabalhadores em torno dos objectivos do CAD.

Ainda a nível interno, devemos destacar a expansão da rede em mais de 30%, a reorganização funcional, de tal forma que teremos um “banco novo” dentro de cerca de um ano.

A nível externo, isto é, no relacionamento com o mercado e a concorrência, devemos realçar o crescimento dos depósitos e dos créditos em cerca de 18%, a conquista de espaço em todas as províncias, o início da melhoria da imagem, o arranque efectivo da recuperação do crédito malparado, etc.

Um banco da dimensão do BCI e com o *core business* que tem, está como que resguardado, em princípio, da variável que é a incerteza nos mercados financeiros internacionais, por causa da crise das dívidas soberanas, não devendo isso para já ser a nossa preocupação.

Captar novos clientes da classe média/alta passa por ter uma oferta de produtos e serviços assentes em tecnologia

Quais os indicadores com maior impacto sobre a actividade do banco e do sector?

São essencialmente quatro e afectam todos os bancos. Estamos a falar do controle da moeda em circulação, que ainda é bastante deficiente por várias razões, a taxa de inflação, que registou ultimamente um índice abaixo de 10%, que é positivo, a bancarização, que saltou para 20%, o que me parece pouco credível, e, por último, o acesso às divisas num país dependente de produtos e serviços importados.

Entretanto, refira-se que a questão administrativo-legal das garantias, no seu aspecto de estabelecimento, registo e accionamento, principalmente a de carácter imobiliário, é um factor de constrangimento grande para o crescimento do negócio da banca.

Vale a pena a concentração de esforços no sentido de o ultrapassar.

Em termos de seguimento, e entendo-o como nicho de mercado que faz parte do *core business* do banco, faço referência à bancarização dos salários dos trabalhadores de qualquer instituição ou empresa.

De que forma o banco pretende conquistar novos clientes emergentes em Angola?

No que diz respeito ao consumo, a captação das poupanças da classe média e média alta passa por produtos e serviços assentes em tecnologia de informação mais moderna no contacto com o banco. Quanto ao crédito habitação, exige-se uma intervenção directa ou indirecta do governo, no sentido da bonificação da taxa de juro.

Em sua opinião, o que falta ainda para dar mais sustentabilidade ao sector e ao país?

Quanto à credibilidade externa do país, a par do controlo da inflação, temos que considerar três aspectos fundamentais e mais relevantes: gestão das contas

nacionais e auditoria externa credível e positiva; reservas líquidas externas consideradas razoáveis e política AML efectiva, atendendo às condições específicas do país.

Depois disto, temos que testar o *rating* que ostentamos colocando títulos da nossa dívida soberana no mercado, mesmo que não seja uma necessidade imperativa de financiamento de um possível défice orçamental.

Para concluir, a nossa credibilidade externa vai muito para além da intervenção do BNA.

Quanto às medidas a serem aplicadas, refiro a entrada em acção dos fundos, sejam de capital de risco, imobiliário, mobiliário, o próprio mercado de capitais e bolsa, como alternativa de financiamento. Não devemos temer a entrada massiva de capital estrangeiro por essa via, seja ele especulativo ou não. Temos que ter legislação específica internacionalmente aceite.

Os bancos, como aquele a que preside, estão preparados para um abrandamento do investimento público?

Estamos certos de que essa questão não será posta, uma vez que há vontade política para prosseguir e não há outra alternativa, talvez com ligeira retracção; tem havido grandes défices entre o planificado e o realizado anualmente, existindo muitos projectos em curso com financiamento assegurado; há capacidade financeira de suporte dos principais projectos na base de linhas de crédito contratadas ou por contratar.

A nossa banca não tem condições para financiar directamente os projectos do PIP. Assim, resta-nos o co-financiamento, a intermediação ou a operacionalização das linhas de crédito contratadas pelo Estado. É o que o BCI tem tentado fazer, estando previstos para os próximos tempos casos concretos de co-financiamentos e/ou intermediação.

Pondo a hipótese deste cenário, pouco provável como já disse, poria nas mãos da banca comercial a “possibilidade” de financiar os investimentos públicos que são executados por empresas privadas.

Este é o quadro. Se o Estado suportasse indirectamente o financiamento com títulos de dívida ou outros colaterais, como reavê-los, uma vez que não geram receitas na maioria dos casos? Parcerias público-privadas? Há condições para a sua implementação?

Quais as vantagens do Estado na utilização de intermediários (banca comercial) nessas linhas crédito?

Na maior parte dos casos é impraticável pelas condições que os próprios credores exigem.



Álvaro Sobrinho
Presidente da Comissão
Executiva

BESA

Aposta forte em financiar a economia nacional

Que apreciação faz da evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

O ano de 2012 permitiu a consolidação do sector financeiro angolano quer em termos de solidez quer em termos de rentabilidade. Continua a assistir-se a uma concentração da actividade ao nível dos cinco principais bancos e começa a notar-se uma alteração de postura de alguns dos mais importantes bancos da praça, nomeadamente na abordagem ao crédito à economia. Apesar de incipiente, começamos a ver alguns dos principais bancos a alterarem o seu modelo de negócio, começando a privilegiar o crédito à economia em detrimento da aplicação dos excedentes de tesouraria em títulos do Estado de curto prazo.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

As principais vitórias prendem-se com a consolidação da posição do BESA como líder do mercado ao nível dos resultados e fundos próprios. Outro elemento distintivo, e que nos deixa muito orgulhosos, tem a ver com o facto de sermos o banco que, de forma sustentada, mais financia a economia angolana. O BESA apresenta-se como líder incontestado no financiamento da economia, sendo o banco que apresenta o maior volume de crédito concedido a projectos privados realizados em Angola. O principal desafio para o sistema financeiro angolano

prende-se com a capacidade que terá forçosamente de ter de financiar o crescimento da economia. A esse nível, destacamos os seguintes constrangimentos/desafios:

1. Inexistência de fontes alternativas de *funding* de médio e longo prazo;
2. Inexistência de instrumentos/intermediários financeiros que complementem a função financeira. Por exemplo: não temos ainda uma classe robusta de investidores institucionais (seguradoras, fundos de pensões, fundos de investimento) que promova a procura de investimentos de médio/longo prazo;
3. Existência de alguma volatilidade regulamentar.

Outros desafios a que estamos atentos prendem-se com a necessidade constante de os bancos adaptarem a oferta dos seus serviços e produtos financeiros a uma clientela cada vez mais exigente, bem como a promoção de um maior nível de bancarização da população.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (*core*) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

Para isso os bancos têm de trabalhar num ambiente competitivo, de ser rentáveis dentro de parâmetros aceitáveis de risco e de contribuir para o desenvolvimento económico do país. Este é o principal desafio: conseguir conciliar vários objectivos de forma coordenada.

Face à emergência de uma classe média/média alta nacional, especialmente jovem e urbana, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

A emergência de uma classe média nacional é para nós um factor crítico para o desenvolvimento do país e vai ser um factor crítico também para os bancos. Neste segmento, estimamos três desafios:

1. Desenvolvimento crescente dos meios de pagamento (cartões, *mobile banking*, *Internet banking*);

O banco apresenta o maior volume de crédito concedido a projectos privados em Angola



2. Novas necessidades ao nível da poupança (com aplicações diversificadas de prazos alargados, fundos de investimento, títulos de dívida e acções, etc.);
3. Novas necessidades ao nível do crédito. Neste ponto, o factor crítico tem a ver com o acesso ao crédito à habitação, que depende fortemente de dois factores:
 - a) Do entorno jurídico das hipotecas;
 - b) Do enquadramento regulamentar – actualmente o normativo do BNA não reconhece qualquer valor mitigador do risco de crédito pela existência de hipotecas – quer nas provisões quer nos requisitos de fundos próprios.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Que medidas deveriam ser aplicadas ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

O objectivo da manutenção de um nível de inflação baixo foi importante e um sucesso. Contudo, o sistema financeiro só será sólido e desempenhará a sua função se contribuir para o crescimento da economia. Para isso o sistema financeiro tem de ter capacidade de dar crédito a projectos económicos importantes, que permitam atingir esse outro objectivo que é fazer crescer o PIB dos outros sectores que não o petrolífero. O Projecto Angola

Investe, patrocinado pelo Ministério da Economia, é um bom exemplo. Outra medida importante seria a redução do nível das reservas obrigatórias dos bancos, o que iria libertar mais fundos para financiar projectos importantes.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público no último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O Estado, através do investimento público, tem um papel importante ao nível do desenvolvimento das infra-estruturas básicas de que o país necessita e deverá manter algum investimento nos próximos anos. O eventual abrandamento dos investimentos poderá ser complementado com parcerias entre entidades públicas e privadas, de forma a que se assegure a implementação dos investimentos necessários ao desenvolvimento económico, como hospitais, rede viária, energia, etc. Ao nível dos outros sectores, o papel da banca já é relevante e cada vez maior. Mais uma vez o grande desafio será ter um sistema financeiro robusto que consiga financiar o desenvolvimento do país. De forma a potenciar esse financiamento, será importante promover um ambiente regulamentar que incentive os bancos a financiarem mais a economia, com destaque para:

1. Redução das reservas mínimas obrigatórias, que estão actualmente a um nível muito elevado;
2. Harmonização do normativo das provisões, que actualmente desincentiva o crédito ao ser muito exigente quando comparado com normas internacionais;
3. Alteração dos requisitos de fundos próprios de forma a incentivar créditos com bons níveis de colaterais (exemplo: hipotecas) – também de acordo com as melhores práticas internacionais;
4. Promoção de formas alternativas de financiamento (exemplo: *factoring*) e desenvolvimento de mercados de capitais, com prioridade para a dívida (exemplo: papel comercial).

**GOSTAM MUITO
DE FALAR DE NÓS...
É DE CERTEZA
POR ALGUMA COISA
QUE FIZEMOS.**





AMBIENTE, PRIVATE BANKING, RESPONSABILIDADE SOCIAL, DESENVOLVIMENTO, INOVAÇÃO, CULTURA, PROGRESSO.

Desde a sua fundação, a actuação do BESA foi pautada por um sério compromisso com o desenvolvimento sustentável, reflectido no apoio a diversas iniciativas relacionadas com a responsabilidade social, valorização da cultura, educação, protecção ambiental e dinamização da economia. O BESA actua como promotor da qualidade de vida das comunidades e do desenvolvimento económico, sendo ao mesmo tempo um verdadeiro parceiro financeiro. Sabemos ao certo por que falamos tanto de nós. É de certeza por alguma coisa que fizemos.

www.besa.ao

10
Aniversário



BANCO
ESPIRITO SANTO
ANGOLA





António Araújo Pontes
Presidente do Conselho
de Administração

Finibanco Angola Foco no aumento de capitais próprios

Na instituição a que preside, quais foram as maiores vitórias alcançadas durante o último ano?

As maiores vitórias centraram-se, essencialmente, na manutenção do apoio aos nossos clientes importadores, numa conjuntura internacional de grave crise económica e financeira, através de uma política equilibrada de preços e uma gestão prudente dos níveis de risco associados. Por outro lado, a continuidade da política de expansão da nossa marca não deixa de ser um sinal de regozijo. As principais dificuldades sentidas foram ao nível da contratação e da formação do pessoal. Normalmente, das dificuldades nascem oportunidades, e esta levou-nos à criação de uma academia de formação interna, tentando dar um salto qualitativo nesta matéria. A aposta dos accionistas num plano de expansão da rede de balcões é um aspecto digno de realce. É um plano ambicioso e exige, essencialmente: aumento de capitais próprios (em curso) e reforço interno das competências técnico-profissionais (processo em desenvolvimento).

O que é essencial para manter a sustentabilidade do crescimento do negócio do sector e do seu banco?

Só há economia saudável com banca eficiente e moderna. A banca já mostrou que está à altura do crescimento da economia angolana. Porém, existem ainda algumas etapas a percorrer:

- O aumento do rácio de transformação para níveis médios internacionais. De momento, esse rácio ronda 50% e tem espaço para subir. A descida da margem financeira que já referi assim o exige, para que seja

possível manter níveis de retorno para os accionistas que os motive a investirem na banca. Existe um obstáculo que é a dificuldade em atingir níveis satisfatórios de cumprimento das obrigações creditícias;

- O desenvolvimento de programas de literacia financeira irá ajudar a ultrapassar esta dificuldade. Hoje, a regulamentação da Entidade de Supervisão da Banca é exigente, o que obriga os bancos a desenvolverem ainda mais as suas estruturas de análise de risco de crédito;
- O aumento da bancarização da economia informal, que no médio e longo prazo vai dar resultados positivos. No curto prazo será necessário intensificar os tais programas de literacia financeira da população;
- O aumento do investimento na actividade produtiva nacional, quer na agricultura quer na indústria, vai trazer novos desafios para a banca. Sendo este aspecto decisivo para a consolidação e estabilização do crescimento económico, ele exige a continuidade da estabilidade cambial que se tem verificado em 2012.

O Finibanco tem vindo, nos últimos meses, a diversificar a actividade deslocando um pouco a oferta para projectos de maior dimensão, mantendo o apoio aos clientes que em nós acreditaram.

Estamos também focados no Programa Angola Investe, que vai permitir outro arrojado às PME e o aparecimento de novos empreendedores. Estaremos atentos na prospecção de projectos que, de acordo com a análise de risco, mereçam todo o nosso apoio.

Uma área que tem um grande potencial, mas à qual até ao momento não tem sido possível dar o apoio desejável, é o crédito à habitação. Existem dois aspectos que dificultam o crescimento do crédito à habitação:

- A dificuldade existente na constituição de garantias reais. Trata-se de um aspecto que deveria merecer uma atenção especial, para que seja possível à banca apoiar mais operações desta natureza;
- O nível de preços de mercado, que parece estar ainda acima da real capacidade financeira da generalidade da população.

A instituição tem vindo a diversificar a actividade para projectos de maior dimensão nacional



BPC Empreendedor
Pacote Eletrônico

O futuro está em comunicar sem falar e agir sem se deslocar. No BPC isso é presente.

Nada é mais natural que desejar ter um negócio próprio ou desenvolver o que já tem. Se é isso que quer, venha falar com o BPC. O Pacote Eletrônico do BPC Empreendedor é formado por três produtos bancários exclusivos que têm como objectivo a acessibilidade e a facilidade de interagir com o Banco: Portal Corporate, SMS Banking e Construção de Website. Com o BPC ao seu lado, a sua vida e o seu negócio têm o parceiro ideal para o seu desenvolvimento. E isso é muito bom para si e para todos.

Agora, a escolha é sua.

BPC Empresas
Dê uma nova luz ao seu negócio



BPC

O seu banco de sempre



Face à emergência de uma classe endinheirada, jovem e urbana, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos para captar estes novos clientes?

Relativamente ao crédito à habitação, será necessário empreender uma reforma capaz de dar resposta às dificuldades já referidas. O crédito ao consumo exige ponderação na concessão. Todos conhecemos os excessos praticados pela banca nos EUA e na Europa. Se tirarmos as devidas lições desses erros, poderemos fazer um melhor trabalho. Muita da clientela que recorre a esse tipo de facilidade ainda não está habituada a fazer uma análise cuidada do seu orçamento familiar, para avaliar se tem capacidade para cumprir o serviço da dívida. Compete aos bancos, sempre, apoiar os seus clientes nessa análise, para que não surjam percalços. No domínio da poupança, a ausência de um mercado de capitais dificulta a criação de novos produtos, designadamente a emissão de obrigações privadas com cotação em mercado organizado, que permita criar produtos financeiros suportados nesse tipo de activos. A insuficiente legislação e regulamentação para fundos de investimento mobiliário e imobiliário também não permite a criação desses produtos para venda à nossa clientela. Por fim, apesar de o cliente ainda estar focado no curto prazo, virá o interesse por produtos de reforma.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável, o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas na banca com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

O BNA tem introduzido, nos últimos 12 meses, um conjunto de regulamentos que coloca a supervisão bancária de Angola num patamar bem próximo daquilo que já se pratica em mercados que são mais antigos e também mais maduros. Somos de opinião que será mais ajustado consolidar a operacionalidade de todas as alterações introduzidas, de

forma a que as instituições financeiras do país possam adaptar-se eficazmente à nova realidade regulamentar de 2012, sob pena de podermos assistir a uma espécie de *overregulation*.

Depois das eleições de Agosto, o país entrou agora numa nova era. O ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano teve impacto no sector financeiro. E agora, se vier aí um abrandamento dos investimentos do Estado em 2013, que desafios se colocam ao sector?

O abrandamento do investimento público poderá provocar algum arrefecimento da economia angolana, uma vez que o sector privado, por si só, não terá ainda uma dimensão e um grau de autonomização suficiente que permita compensar ou anular esse efeito. É precisamente nesse ponto que a banca poderá assumir um papel de relevo, através da criação de programas e linhas de crédito que fomentem o desenvolvimento de projectos em sectores chave e que permitam aos privados encontrar alternativas para o seu *core business* fora da alçada do sector empresarial do Estado. Importante será também a criação de pacotes legislativos de apoio e incentivos fiscais destinados às empresas e aos empresários, para o desenvolvimento de projectos de investimento em sectores considerados deficitários no país (como a área dos produtos agro-alimentares, da indústria transformadora, dos materiais de construção), em complementaridade com todos os bancos. A resolução ou a melhoria dos muitos constrangimentos de carácter administrativo, logístico e outros de natureza mais estrutural, como a estabilidade no fornecimento da energia, nas redes de comunicações, na logística e distribuição, poderão também contribuir para a ultrapassagem dessas dificuldades, que poderão advir de uma menor presença do Estado na economia nacional. Porém, a economia privada angolana ainda está demasiado jovem para se auto-sustentar sem o investimento público. Este poderá ser reorientado para outras áreas, mas ainda é fundamental para a sustentabilidade do crescimento económico de Angola.

O Banco à sua medida

Somos o banco do cliente e conseguimos através de uma relação de proximidade, e em espírito de parceria, fornecer a solução para o mais específico dos problemas, porque só o Banco Keve tem uma estrutura flexível, eficiente e rigorosa que responde aos diferentes desafios do cliente.

Banco *Keve*

O BANCO À SUA MEDIDA



Emídio Pinheiro
Presidente da Comissão
Executiva

BFA Privilegia o crédito em moeda nacional

Que apreciação faz da evolução do sector financeiro angolano no período em análise e na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

Do ponto de vista dos grandes agregados do balanço do sistema, de acordo com os dados disponíveis nos primeiros sete meses do ano em curso, os depósitos no sistema cresceram 5,7% e o crédito 6,8%. É mais um ano de crescimento, embora a ritmos mais lentos que em períodos anteriores.

Há, no entanto, outros aspectos que gostaria de destacar:

- O número de cartões Multicaixa activos no sistema já supera 1,2 milhões, o que representa um crescimento de 60% e constitui um indicador muito ilustrativo do progresso que se tem registado ao nível da bancarização;
- O número de ATM no sistema, em Agosto, era de 1743, o que representa um crescimento de 48%;
- O número de TPA activos era de 12.270, o dobro do registado no final do ano anterior.

Gostaria ainda de fazer uma referência ao novo sistema de pagamentos a crédito (STC), o novo mecanismo para gerir transferências interbancárias para valores até cinco milhões de kwanzas, que iniciou a sua operação em Fevereiro de 2012. É uma importante inovação, que irá melhorar, e muito, a rapidez, a segurança e o custo de execução de transferências entre clientes de diferentes bancos. No mês de Agosto, o total de transacções neste sistema já ultrapassou as 14 mil. A evolução do sistema é notável, havendo também uma correspondência dos bancos no processo de formalização da economia.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

A crise e a incerteza que dominam os mercados financeiros desde 2008 e os seus efeitos na economia e no sistema financeiro angolano foram sempre cuidadosamente acompanhados na gestão diária do BFA. A principal preocupação numa economia ainda muito dolarizada e dominada pelo sector petrolífero esteve prioritariamente focada na vertente moeda estrangeira do nosso balanço: em geral, mantivemos o BFA sempre com elevado níveis de liquidez e cedo viramos a nossa política de crédito para privilegiar a moeda nacional.

Quais são os indicadores que considera mais determinantes para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

O BFA afirma-se como um banco de retalho de âmbito nacional, actuando em todos os segmentos relevantes quer de particulares quer de empresas. A sua força e capacidade de intervenção é fruto desta estratégia de chegar a todos. Não privilegiamos, por isso, nenhum segmento em especial, já que actuamos em cada um com oferta específica e com áreas comerciais e de crédito também especializadas.

Dito isto, e tendo em consideração o desafio que constitui o novo regime cambial do sector petrolífero, o BFA, sempre numa plataforma segmentada, dotou-se de recursos e de novos serviços e procedimentos por forma a dar uma resposta de qualidade e segura às empresas envolvidas. Estamos certos de que esta será uma das actividades dominantes no BFA no futuro próximo.

Face à emergência de uma classe média/média alta nacional, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito?

A questão que coloca está associada essencialmente à dimensão do emprego e do salário. O BFA, sendo um

O rácio de solvabilidade regulamentar do BFA era de 25,5% em finais de 2011

banco de retalho, está no segmento de particulares, no qual disponibiliza uma gama de produtos e serviços que tem tido um acolhimento muito forte no mercado. No que respeita ao crédito pessoal, com a emergência da central de riscos e a melhoria das condições de acompanhamento e recuperação de crédito, será uma área onde iremos assistir a desenvolvimentos dirigidos a todos os que têm emprego estável e auferem um salário. No que respeita ao crédito à habitação, teremos que ser muito mais cautelosos. Há que ter presente que a crise financeira que o mundo enfrenta teve origem em excessos na concessão de crédito hipotecário. Há que considerar que, pela própria natureza desta modalidade de crédito quanto ao prazo que lhe está subjacente, suscita importantes questões de gestão do balanço e de riscos ao longo da vida do empréstimo.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, tem permitido a redução da inflação para níveis historicamente baixos. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/internacionais como o preço das commodities), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no private banking com vista à solidez do sistema financeiro angolano?



Para os bancos, o cenário que descreve – inflação em baixa e estabilidade cambial – reflecte-se essencialmente numa importante alteração da origem da rentabilidade da operação: por um lado, taxas de juro mais baixas, reduzindo a margem financeira, e, por outro, diminuição dos ganhos cambiais. É um tema que temos vindo a acompanhar com particular cuidado, mas que não afecta directamente a solidez do banco, e penso que também terá reflexos na solidez do sistema financeiro angolano. No entanto, penso que no geral o sistema bancário angolano tem indicadores de solidez fortes: no final de 2011 o rácio de solvabilidade regulamentar do sistema era de 18,7%. No caso do BFA, era de 25,5%, quando o mínimo regulamentar é de 10%. Existe, no entanto, um desafio de credibilidade e de modernização do sistema em vários domínios. Gostaria de focar quatro, que, de resto, já estão na agenda de alterações regulamentares do BNA:

- A aproximação do plano contabilístico e das regras de supervisão prudencial aos *standards* internacionais;
- O aprofundamento e maior rigor no *governance* das instituições financeiras;
- A integração dos modelos de gestão de combate ao branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo;
- A clarificação do modelo comercial e das regras de relacionamento com os clientes.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado durante 2013 e que desafios colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O investimento público continuará a ser um importante impulsionador da actividade económica, das empresas e do emprego. O que está no horizonte é um redobrado esforço de afirmação da iniciativa privada no tecido empresarial e, em consequência, um provável aumento da procura de crédito para o investimento.

Para esse cenário, o BFA já integrou na sua oferta os mecanismos de bonificação de taxa de juro e de garantias de Estado criados no âmbito do Programa Angola Investe. Como se sabe, este programa é dirigido a micro, pequenas e médias empresas (MPME) que tenham actividade em determinados sectores, principalmente na agricultura e na indústria. Exclui da sua intervenção sectores como, por exemplo, o comércio, o turismo e os serviços, bem como as empresas que pela sua dimensão já não possam ser consideradas MPME. Não é de excluir que, em reforço e aceleração da densificação do tecido empresarial, venham a ser aprovadas medidas e incentivos aos sectores não contemplados nesta fase do Programa Angola Investe.



Rui Costa Campos
Presidente do Conselho
de Administração

Banco Keve Número de clientes cresceu 49%

Que avaliação faz do sector financeiro angolano?

Vários são os factores que sustentam a evolução do sector financeiro angolano, porém os de natureza económica apresentam maior influência. A economia angolana apresenta fortes sinais de estabilização, tendo em conta os índices de inflação e de depreciação cambial. Ao longo do ano de 2012 a *performance* do sector financeiro tem-se revelado positiva, principalmente pelos seguintes aspectos:

- Aumento da liquidez na economia (2% de Dezembro de 2011 a Maio de 2012), justificado maioritariamente pelo aumento da liquidez em moeda nacional;
- Aumento do crédito à economia (45% de Março de 2011 a Março do corrente ano), sendo que os sectores com maior destaque foram: indústrias extractivas, educação, construção e alojamento e restauração;
- Aumento dos depósitos (variação de 4% de Dezembro de 2011 a Maio de 2012);
- Crescente modernização do sector financeiro angolano, em particular o bancário, com a adopção de produtos e políticas com padrões internacionais e de tecnologia de informação cada vez mais actualizada;
- Redução das taxas de juro relativas às operações de política monetária (facilidades de cedência de liquidez, *MMI-overnight*, taxa básica e TBC) devido ao excesso de liquidez no mercado e por indução do BNA/via política monetária conduzida pelo banco central.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram as maiores vitórias e os obstáculos

encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

Apesar do contexto de incertezas imposto pelos mercados financeiros internacionais com a crise de 2008/2009, em 2011 o Banco Keve continuou a sua política de expansão comercial, alargando os seus canais de distribuição.

Neste ano, o banco alcançou muitas vitórias, com maior destaque para as que se seguem:

- Aumento dos resultados líquidos do banco, situando-se em 6,6 milhões de dólares em Dezembro de 2011 (+230% comparativamente a Dezembro de 2010);
- Aumento do produto bancário em 24% face a 2010,
- Aumento da margem financeira (aumento anual de 43%);
- Crescimento do número de clientes em 49%;
- Aumento dos recursos de clientes em 42,5%;
- Alargamento da base de produtos para o mercado de empresas;
- Redução do *cost-to-income* em 18 pontos percentuais, passando de 87% para 69%.

Contudo, com a entrada em vigor do Instrutivo n.º 3/2011, que agravou a ponderação de grande parte dos activos denominados em moeda estrangeira, o RSR do banco foi afectado, passando de 19,9% para 14,2%, uma diminuição de 5,7 pontos percentuais face a 2010.

Quais são os indicadores e segmentos que considera determinantes para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

Para isso vários são os indicadores que podemos considerar como determinantes, porém com maior destaque para os seguintes:

- Liquidez do mercado (créditos e depósitos);
- Taxas de juros praticadas;
- Taxa de inflação.

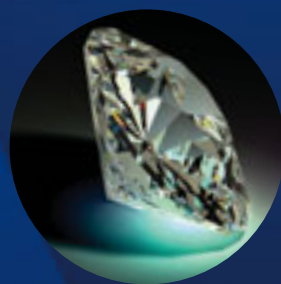
Os resultados líquidos do banco aumentaram 230% de 2010 para 2011 e o produto bancário cresceu 24%



Mundo sem barreiras

O Seu Banco em Angola

Corporate Investment Banking





Para a sustentabilidade do crescimento do banco, o mesmo tem apostado no alargamento da sua rede comercial de modo a captar cada vez mais clientes e a satisfazer cada vez mais as suas necessidades.

O segmento determinante para o crescimento do negócio da banca em Angola é a população de baixa renda, e neste sentido o governo tem apostado cada vez mais no crescimento do nível de “bancação” da população. Para o Banco Keve, o segmento das pequenas e médias empresas (PME) constitui uma das estratégias de crescimento. Faz ainda parte da sua estratégia a prestação de serviços de seguros.

Face à emergência de uma classe média e média alta nacional, sobretudo de idade jovem e com vivência urbana, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

Será importante criar estratégias adequadas, que permitam responder a tais desafios numa perspectiva estratégica de negócio. Neste domínio, os bancos devem criar produtos e serviços que vão ao encontro das necessidades desta camada da população.

No âmbito da captação de poupanças, os bancos podem oferecer contas à ordem com comissões e saldos mínimos, que vão ao encontro do perfil desta classe, ou ser mais ousados e aprender cada vez mais com a experiência dos outros países na oferta de brindes divertidos, educacionais e encorajadores às poupanças. Relativamente à concessão de crédito, os bancos podem oferecer pacotes ligados à formação académica com taxas preferenciais, cartões de crédito com isenção de pagamento de anuidade e opções com descobertos autorizados.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido, devido a variáveis externas/

internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Se o cenário macroeconómico de redução da inflação for sustentável, para aumentar a solidez do mercado financeiro angolano a banca de retalho/*private* devia, por um lado, apostar na fidelização dos clientes pelo atendimento diferenciado e personalizado, e, por outro lado, criar cada vez mais produtos que permitam satisfazer as necessidades mais específicas da população e aumentar a relação banco/cliente (por exemplo, produtos mais ligados à formação e ao nível de escolaridade).

Visto que, não obstante o crescimento que se tem verificado no nível de bancação, grande parte da população nacional não tem conhecimento dos produtos bancários e que a melhoria dos níveis de escolaridade e de educação financeira constituem elementos fundamentais que se traduzem em hábitos de poupança mais consistentes.

Nesse contexto actual, todos os bancos deverão apostar cada vez mais em ter pessoas capacitadas e informações actualizadas sobre os seus clientes, e o BNA, como entidade de supervisão do sistema financeiro nacional, deverá continuar a ajustar o grau de supervisão aos principais parâmetros internacionais.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante todo o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado angolano em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

Um eventual abrandamento dos investimentos do Estado durante o ano de 2013 resultaria seguramente numa contracção da economia nacional, o que colocaria desafios no domínio do fortalecimento da cultura de crédito e também da gestão de risco.

Focamos a nossa acção nas 10 dimensões mais relevantes, que determinam o nível da satisfação dos nossos clientes:



 **BCA**
BANCO COMERCIAL ANGOLANO

Uma nova dimensão - O Banco que pensa em si.



Marcel Krüse
Director Geral
Executivo

Banco Kwanza Instituição quer ampliar as ofertas de crédito

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados já conhecidos deste ano com os do ano transacto?

Pelos dados disponíveis sobre este cenário, e a avaliar pelas informações da média nacional e internacional, ressalto a manutenção da estabilidade do sistema financeiro angolano diante das turbulências internacionais e de boatos recorrentes de incumprimentos e falências de bancos em mercados emergentes, muitas vezes provocados por especuladores interessados em obter vantagens em momentos de insegurança geral.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados durante o último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008 e 2009?

Penso que, a partir da retoma dos pagamentos a credores externos, a recuperação do equilíbrio do orçamento nacional, o aumento dos preços do petróleo e as análises positivas do FMI tiveram impacto na percepção da solidez do sistema financeiro angolano. Os obstáculos a serem superados estiveram relacionados com os temores de oscilações no equilíbrio do sistema político angolano diante das eleições gerais no país e das expectativas de que a turbulência dos países do Norte de África pudesse migrar para outros países do continente e desequilibrar Angola, o que provocaria uma retracção nos investimentos e fuga de capitais.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (*core*) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

São determinantes a estabilidade política e o projecto claro de transição democrática, o equilíbrio das contas nacionais e as garantias para investidores privados e as

garantias de cumprimento de regras para transferência de capitais.

Face à emergência de uma classe média/média alta nacional, especialmente jovem e urbana, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

É essencial o aumento da credibilidade do sistema bancário no sentido de que essa segurança se reflecta no cliente. Esta estratégia passa pelo processo educacional junto à população (já em curso pelo BNA e banca comercial em geral) no sentido de mostrar como funciona o sistema bancário e que vantagens o cliente pode ter ao utilizá-lo. No âmbito deste processo educativo, deveriam ser adoptadas estratégias de comunicação mais capazes, de forma a serem destacadas a segurança do sistema bancário, seu carácter sigiloso e a inviolabilidade das informações financeiras dos clientes para convencer os investidores que ninguém estará a vigiar o seu dinheiro. É importante também ampliar as ofertas de crédito para financiamento educacional, com produtos de juros baixos e longo prazo para pagamento (reembolso) após a formação (licenciatura), crédito à habitação mais amplo e com pouca burocracia para atingir a classe média, sistemas de financiamento para bens duráveis e ampliação dos sistemas de pagamentos com cartões de débito e crédito.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/ internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou na *private*

É essencial aumentar a credibilidade e solidez do sistema financeiro para que o cliente sinta segurança



banking com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Penso ser importante o aprimoramento da boa governança, com transparência, aderência e cumprimento dos Acordos de Basileia de regulamentação bancária para reforçar o sistema financeiro diante dos riscos impostos pelo crescimento excessivo dos balanços dos bancos e a garantia de reservas para fazer face a eventuais crises de liquidez.

Os últimos anos foram marcados por um forte fomento do investimento público. Que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado no próximo ano e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O afastamento do Estado como principal protagonista do desenvolvimento económico nacional é positivo e esperado pelos investidores. Esta transição deve ser acompanhada de um maior protagonismo dos bancos, papel este que deve ser assumido pelos bancos de fomento e de desenvolvimento económico, para que os investidores privados possam sentir-se seguros de que terão recursos disponíveis para os seus projectos. Uma vez dispendo de fundos para financiamentos de projectos, é importante que os bancos esclareçam os investidores a respeito das regras a serem seguidas para acesso aos recursos, com procedimentos claros e de acesso fácil para os pequenos e médios investidores, de uma clara política de crédito com juros bonificados e o alargamento da rede bancária a todo o território nacional, o que permitirá o aumento dos níveis de bancarização, da qualidade, rapidez e eficiência do atendimento bancário aos pequenos investidores e empresários privados. A canalização de verbas para as micro, pequenas e médias empresas, no quadro da iniciativa do executivo Angola Investe, vem reforçar esta necessidade.



António Gaioso Henriques
Presidente do Conselho
de Administração

Banco Millennium Angola Resultado líquido cresceu 34%

Que apreciação faz da evolução do sector financeiro angolano no período em análise?

O sector financeiro continua a ser um dos sectores mais dinâmicos da economia angolana. Continuamos a assistir a uma forte expansão da rede de balcões dos diversos bancos comerciais e seguradoras, que vão procurando aumentar a sua capilaridade e alargar a oferta de produtos e serviços, o que tem contribuído para o crescimento da actividade financeira, bem como para o aumento da taxa de bancarização da população.

O Banco Nacional de Angola continua a implementar medidas que visam o fortalecimento do sistema financeiro e a credibilidade das instituições financeiras, sendo de destacar a introdução de nova regulamentação que visa o estabelecimento de um sistema de prevenção de branqueamento de capitais e do financiamento do terrorismo (incluindo a criação do Compliance Officer na estrutura das instituições financeiras) e a criação do Comité de Estabilidade Financeira.

A CIRC (Central de Informação de Risco de Crédito) vem conferir maior transparência ao mercado, proporcionando uma maior eficiência na concessão de crédito e maior responsabilização por parte dos clientes no cumprimento do serviço da dívida.

Merece ainda destaque a publicação do novo regime cambial para o sector petrolífero, que entrará em vigor em Outubro de 2012 e que irá constituir uma importante oportunidade para o sector financeiro angolano.

No caso da instituição financeira a que preside, quais os pontos altos e baixos que marcaram o último ano?

Embora Angola não esteja imune aos riscos de contágio da crise internacional, a instituição tem conseguido alcançar os seus objectivos num mercado financeiro que, embora pequeno, é cada vez mais competitivo.

No último ano, o Banco Millennium Angola obteve um resultado líquido de 44,020 milhões de dólares, o que corresponde a um crescimento de 34% comparativamente ao ano anterior.

Tal resultado foi alcançado devido à criação de produtos inovadores, apoiados por uma forte estratégia de comunicação, e a uma contínua expansão da nossa rede

comercial, cobrindo actualmente as 18 províncias de Angola com 67 balcões, 18 dos quais inaugurados no último ano.

A nível internacional, o BMA foi considerado Best Foreign Bank 2012 pela publicação *EMEA Finance*.

Em termos de obstáculos, destacamos a ainda incipiente organização contabilística das empresas, recrutamento de quadros angolanos altamente qualificados, dificuldades logísticas devido ao desordenamento de Luanda, meios precários de acesso às províncias e na manutenção de equipamentos devido ao fornecimento irregular de energia e água.

Neste negócio, quais os indicadores e determinantes para a sua sustentabilidade?

Os sectores estruturantes, designadamente obras públicas, energia, indústria transformadora (industrial, alimentação e bebidas) e logística/transportes, deverão ser os que mais irão contribuir para um crescimento de uma economia sustentada. Assiste-se ainda a uma crescente implantação de grandes superfícies comerciais, alterando um mercado tradicionalmente dominado por retalhistas. Verifica-se igualmente alguma revitalização no sector diamantífero, perspectivando-se ainda uma alteração significativa no mercado financeiro no que reporta ao sector petrolífero.

Face ao exposto, a inovação e o desenvolvimento de novos produtos bancários de crédito afigura-se essencial, designadamente *o factoring* e *o leasing*.

No sector das MPME, destaca-se o protocolo acordado com o Estado Angola Investe, para revitalização das micro, pequenas e médias empresas do ramo transformador, sendo a concessão de crédito a essas empresas uma das nossas principais preocupações.

O sector das obras públicas continua a ser um mercado muito catalizador do apoio da banca, mas o crescente número de empresas nos restantes sectores já mencionados contribuirá para uma maior diversificação do suporte do sistema financeiro ao crescimento sustentado da economia angolana (investimentos na indústria transformadora e na substituição de importações).

Será igualmente previsível a revitalização do sector agrícola e dos projectos agro-industriais.

As necessidades do mercado têm vindo a alterar-se com o surgimento de uma classe média/média alta, especialmente jovem e urbana. Que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito?

No segmento de particulares, estimamos uma crescente procura de crédito pessoal e de crédito à habitação, muito embora neste caso continuem a verificar-se constrangimentos legais e operativos, não obstante os esforços desenvolvidos pelo governo.

O banco oferece uma diversificada gama de produtos e serviços direccionada a clientes particulares e empresas. Para clientes particulares dispomos de contas à ordem, de várias soluções financeiras para aplicação das poupanças e de acesso ao crédito (pessoal, automóvel, etc.), de cartões de débito e crédito (VISA), entre outros produtos e serviços.

A nossa oferta para as empresas engloba produtos financeiros para apoio à tesouraria, todas as operações usuais sobre o estrangeiro, entre as quais transferências e ordens de pagamento, remessas e créditos documentários de importação e exportação e também soluções para pagamentos a fornecedores nacionais e pagamento automático de salários aos colaboradores. No que ao recebimento de valores diz respeito, o Millennium Angola disponibiliza serviços de recolha, transporte e tratamento de valores com recurso a uma empresa de segurança.

Para estabelecimentos comerciais, e em linha com o apoio dado à criação de pequenas e médias empresas, disponibilizamos terminais de pagamento automático, que aceitam não só o cartão Multicaixa mas também todos os cartões, de débito ou crédito, da rede Visa.

A nossa missão passa por contribuir para a modernização e desenvolvimento da economia angolana. Queremos assumir um papel-chave na bancarização angolana e manter elevados níveis de satisfação, fidelização e envolvimento dos clientes.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

A política monetária levada a cabo pelo Banco Nacional de Angola conferiu uma maior estabilidade cambial no decurso de 2011. O valor médio da moeda nacional oscilou entre os 93 e os 95 kwanzas por cada dólar. Com a redução da incerteza em torno da taxa de câmbio, foi possível retomar taxas de juro mais baixas, rever os requisitos em termos das reservas em moeda nacional e, apesar dos níveis de produção petrolífera abaixo das expectativas, registar uma melhoria significativa nas reservas cambiais externas, que se acentuou no decurso do segundo semestre de 2011.

Por sua vez, a inflação manteve uma trajectória descendente, situando-se em 11,38% (variação homóloga) no final de 2011, cumprindo assim o objectivo previsto no âmbito do programa de assistência económica e financeira negociado com o FMI. Não obstante esta diminuição, o reforço do controlo da inflação deverá continuar a ser uma prioridade das autoridades angolanas, o que passa naturalmente pela necessidade de continuar a reduzir a dependência dos bens importados por via, essencialmente, da actual estratégia de diversificação da actividade produtiva angolana.

No sector bancário, o aumento do rácio de transformação sinaliza a penetração progressiva dos serviços bancários no país com suporte de depósitos maioritariamente dos clientes. Em linha com a política de redução da circulação de moeda estrangeira, e para promover o desenvolvimento do sector financeiro, as autoridades planeiam expandir o número de transacções financeiras em kwanzas através da imposição às empresas da execução de pagamentos por via bancária.

O reforço dos mecanismos de gestão do risco de crédito e a mitigação de riscos operacionais contribuirão para a solidez do sistema.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

Um ciclo de menor investimento do sector público não terá grande impacto directo na estratégia do Banco Millennium Angola, dado que esta tem assentado, maioritariamente, no apoio ao sector privado.

A banca tem, historicamente, um papel crucial na dinamização da economia. O que antevemos é o crescente financiamento por parte dos bancos ao sector não petrolífero, particularmente no apoio à implantação de empresas transformadoras e industriais, visando a redução da exposição de Angola aos mercados externos através da substituição das importações por produção local.



Mário A. Palhares
Presidente do Conselho
de Administração

BNI

Até ao final do ano, a rede chegará aos 70 balcões

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

O sector financeiro angolano tem vindo a crescer e a fortalecer-se como forma de acompanhar a própria evolução económica do país. Se considerarmos que a taxa de bancarização da população – que em 18 meses cresceu de 11% para 22% – irá continuar a aumentar, que actualmente a dívida externa do país é de apenas 19,7% do PIB e que as reservas em moeda externa equivalem a oito meses de importação, num quadro de estabilidade macroeconómica, verificamos que existe um potencial de crescimento neste sector. Não posso deixar de destacar o facto de a taxa de inflação ter convergido – pela primeira vez – para um dígito apenas, situando-se em 9,87%, o que irá permitir, a manter-se esta situação, uma redução das taxas de juro do crédito, tornando assim a economia mais atractiva para o investimento.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e as dificuldades encontradas no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

Como sabem, o BNI é um banco jovem, encontrando-se no seu sexto ano de actividade. Somos um banco de matriz totalmente angolana, o que aumenta os desafios que se nos colocam, quando comparado com alguns de outros *players* do sector. Estamos num mercado muito competitivo, com 22 instituições financeiras, e destaque, em 2012, a inauguração da nossa nova sede social, criando melhores condições de funcionamento para os nossos colaboradores e de atendimento dos nossos clientes; o *rebranding* – ao fim de cinco anos redefinimos o nosso posicionamento no sector e criámos uma imagem mais moderna e sofisticada; o aumento da rede de balcões – no final do presente ano atingiremos 70 balcões; o crescimento do número de colaboradores – no final deste ano ultrapassaremos os 600; o aumento de activos; a adesão ao Programa Bankita e ao Programa Angola Investe; a entrada no microcrédito com a

FACILCRED, que terá como público-alvo um segmento populacional actualmente sem acesso ao sistema bancário, e ainda, até final do presente ano, o início da internacionalização do Banco, com a abertura do BNI EUROPA, em Lisboa. O principal obstáculo é a nossa reduzida dimensão, que nos tem limitado o crescimento.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio do sector e do seu banco?

Para além dos indicadores fundamentais que a banca deve ter, nomeadamente rácio de solvabilidade, rácio de transformação, fundos próprios adequados, entre outros, não podemos ignorar que com o crescimento da taxa de bancarização da população se torna necessário estarmos atentos às oportunidades que surgirão, não deixando de referir o grande desafio que representa a angolanização do sector petrolífero, com a passagem dos fluxos financeiros do sector pela banca angolana, pelo que se nos exige um esforço de modernização, formação contínua e organização para podermos satisfazer as necessidades que daí advirão. É uma realidade que o quadro de estabilidade macroeconómica em curso pode garantir aos operadores a segurança suficiente, que lhes permita colocar recursos à disposição de terceiros, numa perspectiva de médio e longo prazo.

Que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (quer para a habitação quer para o consumo) para responder às novas necessidades do mercado nacional?

É inegável que a emergência das classes média e média/alta conduz à necessidade de dinamização do crédito à habitação e ao consumo por via do aumento da procura, não deixando de ter em conta a criação de produtos específicos para o efeito, dado que no caso do crédito ao consumo, e por experiência de outros mercados, é onde se verifica maior taxa de incumprimento. Apesar da massificação, deveremos estar sempre atentos a questões de natureza prudencial que se colocam aos bancos em geral.

A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido, devido a variáveis externas/ internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Um dos grandes desígnios da economia é, de facto, a diversificação e a redução da dependência do petróleo em curso. Esta diversificação deverá centrar-se, em primeiro lugar, nos sectores que tenham forte impacto na redução das importações, para posteriormente o país diversificar a sua carteira de exportações, conservando uma procura interna que cubra grande parte das suas necessidades. O processo em curso da angolanização da economia, com o aumento da presença de empresas

angolanas em diversos sectores, associado ao que atrás referi, do grande desígnio nacional, que é o aumento da taxa de bancarização da população, leva-nos à criação de produtos para estimular a poupança nacional, a que não será necessariamente alheio o próprio crescimento da rede, de forma a ir captar poupanças novas ou adormecidas.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013 e que desafios esse cenário colocaria quanto ao papel da banca no financiamento ao sector privado?

O Estado tem tido um papel de motor e alavancador dos investimentos. Começam a existir condições para novas fórmulas de financiamento e fomento ao investimento, com base em parcerias público-privadas, nas quais se venha a definir o papel do concedente, dos operadores e dos financiadores, o que poderá trazer novas soluções alternativas de financiamento e de posicionamento dos bancos, das quais destacaremos, entre outras, o *project finance* e o capital de risco.





Carlos da Silva
Presidente do Conselho
de Administração

Banco Privado Atlântico Mais produtos e maior rede até 2015

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro?

O ano de 2012 está a ser um ano histórico. No campo macroeconómico, destacamos a consolidação do ritmo de crescimento da economia após a crise financeira internacional, bem como a melhoria sustentada em matéria de consolidação dos principais factores macroeconómicos, nomeadamente a descida da taxa de inflação, a estabilidade cambial, o aumento das reservas líquidas internacionais, a introdução da taxa oficial de referência Luibor, as medidas para o reforço da moeda nacional em todo o sistema económico, bem como as medidas tomadas no sentido de internalizar no sistema financeiro nacional os fluxos da economia gerada pelo sector petrolífero.

Estas medidas, conduzidas pelo Executivo nacional e pelo regulador, reforçam o ambiente geral da economia, que é de estabilidade e previsibilidade e tem hoje perspectivas de crescimento sustentado a médio prazo. Em paralelo, observamos uma melhoria na qualidade da relação comercial entre o sector financeiro e empresarial, dado que existem hoje níveis de informação contabilística e financeira de maior detalhe e qualidade, que permitem um maior compromisso entre os agentes económicos.

O sector financeiro tem sabido ler e adaptar-se às evoluções do mercado. Em termos de resposta aos contínuos desafios que o mercado coloca, continuamos a observar uma crescente sofisticação do sistema financeiro nacional e a qualidade da resposta, nomeadamente ao nível dos meios de pagamento, da syndicação bancária de grandes operações de financiamento e também na melhoria formativa dos quadros (onde se enquadram as academias de formação que alguns bancos nacionais já implementaram), que permite uma relação de maior qualidade de aconselhamento financeiro entre os bancos, as pessoas, as famílias e as empresas.

De salientar também a nomeação dos órgãos sociais da CMC, que já tem vindo a fazer-se sentir no mercado, em particular na colocação em marcha de acções para a entrada em funcionamento dos mercados financeiros a breve prazo e também para a regulação da indústria

de gestão de activos e de fundos de investimento, instrumentos alternativos à poupança tradicional. Por fim, o crescimento da economia tem permitido o crescimento da base de activos sob gestão nos bancos, que impacta positivamente nos níveis de proveitos e de dimensão de balanço, apesar de se observar uma tendência de descida das margens de intermediação.

No caso da instituição a que preside, quais foram as maiores vitórias e dificuldades no último ano?

Acreditamos que a consolidação das instituições faz-se traçando um rumo para um caminho metódico, de inovação, de resiliência e de respeito perante todos os *stakeholders*. Por isso acreditamos que as vitórias efectivas são as internas, no sentido de reforçar continuamente a geração de valor para os nossos clientes e todos os restantes *stakeholders*. Destacamos a aprovação pelos nossos accionistas do plano estratégico para os próximos três anos de actividade Atlantico 20.15, que visa o alargamento da presença geográfica e do reforço do modelo de oferta de produtos e serviços. Destacamos ainda a consolidação no mercado das nossas áreas de negócio, em particular de banca de empresas e de investimento, bem como a implementação de programas internos de melhoria contínua ao nível dos processos de cliente, controlo interno e de sistemas de informação, em ordem à geração segura de valor. Dentro do contexto do clima de incerteza que tem assolado os mercados internacionais – factor que tem gerado constrangimentos à fluidez e agilização do clima de negócios também em Angola –, destacamos a escassez de *funding* internacional, em particular para maturidades mais longas, impactando na criação de tracção dos bancos nacionais de conseguirem captar fundos internacionais e aportá-los para a economia.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (*core*) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio?

É crítica a manutenção da previsibilidade do caminho conduzido pelo Executivo nacional e pelo regulador no sentido de continuar a criar as condições para



Redução da taxa de inflação, estabilidade cambial e controlo das contas públicas são fulcrais para os bancos

a manutenção da sustentabilidade económica; em particular, destacamos a necessidade de se manterem as políticas para redução da taxa de inflação, a estabilidade cambial, a liquidez do sistema, a manutenção de um ambiente de equilíbrio das contas públicas, a dinamização do investimento público reprodutivo e a contínua normalização dos pagamentos e recebimentos nacionais e internacionais. A continuidade destas medidas conduzidas pelo Executivo e pelo regulador, *per si*, traduzem-se em condições de base para que todos os segmentos de mercado possam ser agentes estratégicos no crescimento económico nacional e do próprio sector financeiro.

Por isso entendemos que todos os segmentos de mercado são importantes para a economia. Não é suficiente um ambiente económico estável e positivo, é necessário que exista uma efectiva materialidade de relação entre o sistema financeiro e todos os agentes económicos, sem excepção; que visem a continuidade do caminho, rumo à diversificação da economia, com mais geração de emprego e de aumento da renda das famílias.

Que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos para a nova classe média alta?

A banca deve ter um mapa de serviços que se traduza em soluções ao nível da habitação, com prestações que permitam que os jovens tenham capacidade de pagar a sua obrigação financeira. Existem vários factores que agregadamente poderão contribuir para baixar os custos para o cliente, entre os quais destacamos:

- A partilha de risco entre a empresa empregadora e o empregado, a bonificação de juros e a contínua melhoria dos registos da propriedade, que permita uma efectiva hipoteca do imóvel.
- Dinamizar a solução do arrendamento. Para que o mercado deste segmento tenha escala de oferta será necessário continuar a evoluir na dinamização de fundos de investimento imobiliários, em parceria com seguradoras e fundos de pensões.
- Dinamizar as contas poupança habitação com o quadro jurídico que fomenta a poupança para este fim;
- Reforçar a dinamização dos sistemas de meios de pagamento com disponibilização de novos serviços.

Que medidas deveriam ser aplicadas ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

O sistema nacional está, em geral, bem capitalizado, é rentável, tem rácios de transformação prudentes e não assumiu os riscos que historicamente foram observados nos sistemas financeiros mais sofisticados. Estamos certos de que quer o regulador quer os gestores do sistema continuarão atentos à gestão dos riscos da economia, nomeadamente o controlo dos riscos cambiais e de liquidez, o controlo da exposição excessiva a sectores específicos, evitando contribuir para “bolhas” especulativas, às políticas de não incentivo ao sobreendividamento das famílias e das empresas.

O sector financeiro está preparado para um eventual abrandamento dos investimentos do Estado em 2013?

Face às informações disponíveis no Programa do Executivo recentemente empossado, estamos confiantes de que o Governo da República irá prosseguir um programa de investimento abrangente e dinamizador da economia nacional transversalmente.

Os instrumentos criados de fomento ao empreendedorismo, financiamento empresarial e fomento habitacional são estratégias estruturantes e que irão conferir um quadro de maior dinamismo nestes sectores e permitir uma maior intervenção do sector privado na economia.



Paixão Júnior
Presidente do Conselho
de Administração

BPC

Depósitos poupança e crédito crescem

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano comparando dados de 2012 com 2011?

A evolução do sistema financeiro tem sido, nos últimos meses, amplamente positiva. O ano de 2011, em particular, foi especialmente marcado pela criação do Comité de Política Monetária, a introdução da taxa básica de juro – taxa BNA – e a institucionalização e divulgação da taxa LUIBOR. A criação pelo banco central de diversas facilidades de cedência e absorção de liquidez vieram contribuir para uma maior eficiência na gestão de liquidez por parte dos bancos.

O Banco Nacional de Angola procedeu ainda, no ano de 2011, à redução da taxa de redesconto de 25% ao ano para 20% ao ano e do coeficiente de reservas obrigatórias para os depósitos em moeda nacional. Como resultado das medidas de política monetária e de controlo cambial adoptadas pelo banco central, a taxa de câmbio tem-se mantido estável e a taxa de inflação vem registando, desde Outubro de 2010, uma tendência decrescente na sua evolução. Estes dois indicadores vêm contribuindo para o aumento da confiança dos consumidores na moeda nacional e no sistema financeiro. Estes desenvolvimentos acabaram por impactar de forma bastante positiva na redução das taxas de juro activas praticadas pelos bancos comerciais nas operações de crédito, o que, por sua vez, contribuiu para o aumento da oferta. De acordo com dados publicados pelo BNA, as taxas de juro do crédito em moeda nacional com maturidade superior a um ano reduziram-se, em termos médios, de 23,74% em Dezembro de 2010 para 15,56% em Agosto de 2012 e o crédito à economia cresceu nos primeiros oito meses de 2012 cerca de 14%.

No caso da instituição a que preside, o que destaca de mais positivo e menos positivo em 2011/2012?

O III Encontro de Quadros do BPC, que, entre outros assuntos, serviu para discutir e aprovar o Plano Estratégico e as Linhas de Actuação do Banco para o quadriénio 2011-2014 foi o ponto mais marcante de 2011. No domínio do negócio, importa realçar a evolução dos activos do Banco de Poupança e Crédito

de 11,7%, influenciada pela forte expansão do crédito a clientes em mais de 112,8 mil milhões de kwanzas. A carteira de depósitos atingiu 577,7 mil milhões de kwanzas, o que reflecte um crescimento de 33,5% face ao período homólogo.

Os resultados líquidos atingiram 15,1 mil milhões de kwanzas, equivalentes a 161,9 milhões de dólares. No que se refere à expansão dos canais de distribuição, foram construídos de raiz e inaugurados no decurso do ano de 2011 26 novos pontos de atendimento, o que permitiu ao banco consolidar a sua posição de liderança no *ranking* global do sistema bancário angolano. Os grandes investimentos no desenvolvimento dos canais electrónicos resultaram no aumento substancial do número de aderentes aos serviços de Internet *banking* e SMS *banking* e permitiram reforçar as posições de mercado do banco nos vários domínios.

O BPC deu continuidade ao processo de modernização da sua imagem institucional, procurando aproximar os seus serviços às novas exigências do mercado.

O empenho do banco neste objectivo visa não só aumentar exponencialmente a oferta de produtos e a qualidade do atendimento, mas também possibilitar maior conforto e segurança no contacto com os clientes. Neste quadro, toda a actividade de 2011 teve grande incidência na ampliação do catálogo de produtos e na melhoria da qualidade da prestação de serviço, tendo sido possível lançar seis novos produtos, melhorar a oferta existente e criar a rede Muata, exclusiva para particulares de alta renda, isso sem descurar a contínua aproximação às comunidades enquanto agente socialmente responsável.

A nossa instituição continua a considerar os recursos humanos como o principal capital de investimento para o sucesso empresarial. Nesta vertente, um aspecto relevante a ressaltar foi a evolução qualitativa do efectivo, como resultado de um processo de admissão criterioso e de um plano de formação mais eficaz.

Enquanto parceiro activo e privilegiado do Executivo angolano na materialização do Programa de Combate à Pobreza e de Inclusão Social das Populações, é de realçar a concessão de mais de 12 mil milhões de kwanzas em

vários programas de microcrédito durante o ano de 2011. No entanto, o banco deparou-se com alguns obstáculos. A escassez de recursos de médio e longo prazo tem restringido a oferta de créditos de longa maturidade, nomeadamente o crédito ao investimento e o crédito à habitação. Por outro lado, persiste o risco elevado das operações de crédito, associado a uma fraca qualidade das garantias que são apresentadas ao banco, que, de certo modo, vem influenciando a formação da taxa de juro.

Quais são os indicadores que considera mais determinantes para o sector e para o banco?

O tema do risco e da qualidade do crédito absorve, no contexto actual, uma maior atenção por parte dos gestores dos bancos, muito por força dos constrangimentos que persistem em torno do processo de constituição de garantias, mas também devido às debilidades organizacionais e processuais das empresas, apesar de nos últimos meses se terem verificado progressos neste domínio.

Depois da crise internacional, os bancos passaram a prestar uma particular atenção aos indicadores de liquidez. São cada vez mais actuais os temas de ALM e as análises de sensibilidade. Os bancos sentem cada vez mais a necessidade de captar fundos de médio e longo prazo para atenderem à crescente demanda por produtos de crédito com maturidade cada vez mais longa.

No que se refere aos segmentos *core*, o BPC entende que a sua actuação continuará centrada nas MPME, por considerar que estas são o vector de desenvolvimento da economia.

Aos particulares, que representam mais de 95% da base de clientes do banco, continuará a ser prestada uma atenção também muito especial, quer no domínio do atendimento como da oferta de produtos e serviços. O BPC continuará a ser um parceiro activo do governo na materialização dos seus objectivos, apoiando no financiamento de projectos com impactos na diversificação da economia, desenvolvimento do empresariado nacional, criação de emprego e redução da pobreza.

Que produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

O banco oferece vários produtos de crédito virados para o consumo, destacando-se o crédito automóvel. O crédito habitação deverá ser uma prioridade no próximo exercício, embora se entenda que há ainda muito a fazer para que esse produto se torne viável, como a modernização das conservatórias e a melhoria dos processos de registo predial e das hipotecas.

Nos serviços, está em desenvolvimento uma solução de *mobile banking*, que terá uma grande adesão entre os jovens, à semelhança do actual *Internet banking*.

Que medidas deveriam ser aplicadas ou reajustadas na banca de retalho e/ou *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Apesar dos recentes desenvolvimentos macroeconómicos,

ao sistema angolano colocam-se ainda grandes desafios. Como sabemos, a taxa de bancarização da população, embora com uma tendência crescente, é ainda extremamente baixa quando comparada com outros mercados e regiões. Estima-se que apenas cerca de 13,5% da população angolana tenha conta bancária e que, pese embora o forte crescimento da rede de balcões ocorrido nos últimos anos, cerca de 54% dessa rede estão em Luanda.

As taxas de juro praticadas pelos bancos comerciais são ainda elevadas, como reflexo de factores económicos e financeiros, como a taxa de inflação (apesar da tendência decrescente), o elevado grau de imobilização dos depósitos em reservas compulsórias, o alto custo dos recursos no mercado monetário e o elevado risco das operações, fundamentalmente associado a uma fraca qualidade das garantias que são apresentadas aos bancos. Todos estes factores tornam o crédito bancário uma alternativa onerosa de financiamento da actividade económica. As medidas de política monetária e cambial implementadas pelo BNA têm permitido a redução gradual das taxas de juro do sistema bancário, mas estas, por si só, são insuficientes.

A escassez de recursos de médio e longo prazo tem restringido a oferta de produtos de longa maturidade, nomeadamente de crédito ao investimento e à habitação. Entendemos que o Estado deverá ter um papel importante neste processo, por via da emissão de garantias, de forma a dotar as instituições de pré-condições para a captação de recursos financeiros de médio e longo prazos no mercado internacional e a baixo custo, salvaguardando a aplicação de taxas de juro reduzidas.

A assinatura, por parte dos bancos comerciais, do Protocolo de Garantia Financeira do Fundo de Fomento Habitacional no final de 2011, e mais recentemente dos Memorandos sobre Linhas de Crédito Bonificado e Garantias Públicas para MPME, vão permitir que mais crédito ao investimento possa ser concedido sob critérios melhorados de segurança para o sistema financeiro e com impacto positivo directo no preço deste importante tipo de crédito.

Um papel importante na captação de recursos de longo prazo poderá vir a ser desempenhado pela Bolsa de Valores. E pensamos que um papel relevante no processo de contenção ou mitigação dos riscos poderá ser desempenhado pelos seguros. O seguro de crédito, que consiste na transferência do risco de incumprimento do tomador do crédito para uma entidade seguradora, assume-se como um instrumento de garantia cada vez mais importante.

Outras acções poderiam reflectir-se na evolução positiva da banca, tais como a criação de sociedades de *leasing* e *factoring* e a implementação em pleno da Central de Informação de Risco de Crédito, que tem um papel fundamental na salvaguarda dos fundos dos depositantes.

Ademais, os níveis de crescimento que se perspectivam, os investimentos e o novo regime cambial para o sector petrolífero terão um impacto significativo na evolução da banca comercial e do sistema financeiro no seu todo.



Igor Skvortsov
Presidente Conselho
de Administração

Banco VTB África

O foco é a centralidade no cliente

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

O sector financeiro encontra-se a atravessar um período de amadurecimento em consequência da crise de 2008/9. Os indicadores têm revelado que os bancos têm fortalecido os seus níveis de capitais próprios, de modo a apresentarem-se melhor preparados para os futuros desafios, com primazia para a solidez e estabilidade nos mercados. Associado a este factor, os bancos têm vindo a injectar maior liquidez na economia através do aumento do nível do crédito, com uma avaliação dos riscos mais cuidada.

Nesse sentido, as políticas emanadas pelo Banco Nacional de Angola têm contribuído fortemente para que os bancos cresçam, mas de forma sustentada e equilibrada, aumentando a confiança dos diversos “stakeholders” no sistema financeiro angolano.

Igualmente, com uma política orientada para o controlo da inflação, o Banco Nacional veio estabelecer diversos instrumentos de regulação de taxa de juro e maior transparência nos preços dos bancos, facto que contribui para que os bancos se sintam pressionados em tornar-se mais eficientes e mais acessíveis à população bancarizável.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/9?

O Banco VTB África S.A é o resultado de uma parceria estratégica entre uma das mais prestigiadas Instituições Financeiras da Rússia (VTB Bank) e parceiros angolanos. No ano em que comemoramos 5 anos desde a fundação do VTB África, entendemos que o percurso até hoje efectuado e o muito que foi alcançado teve como base a vontade de todos aqueles que souberam, com a sua determinação, trabalho e competência construir um banco inovador, na sua área de negócio – o segmento Corporate.

Assumimo-nos como um banco transaccional, com uma missão e uma oferta de serviços diferenciada e estamos convictos de que contribuímos, de forma inequívoca, para a modernização e desenvolvimento do sistema financeiro angolano, nos segmentos onde operamos. Durante o ano de 2011, o VTB África focou a sua actividade na adopção de um modelo assente na centralidade do cliente. Todos os projectos que concluímos e temos em curso têm como objectivo melhorar a nossa capacidade de melhor servir os nossos clientes e permitir-lhes ter uma experiência bancária personalizada à sua medida, transparente e eficiente. Efectuámos uma segmentação do mercado que servimos e estabelecemos canais de comunicação apropriados para cada segmento, o que nos permitiu crescer de forma significativa na qualidade do serviço que prestamos e melhorar os nossos níveis de rentabilidade.

Igualmente importante realçar o esforço efectuado na área de “corporate governance” e “compliance”, de modo a poder cumprir com as directrizes do Banco Central e em conformidade com as melhores e mais recentes práticas internacionais e do Grupo.

O mercado bancário possui múltiplos desafios para ultrapassar. O facto da banca ser o veículo de fomento à economia tem vindo a apresentar um elevado nível



Crescemos de forma significativa na qualidade do serviço e melhoramos os nossos níveis de rentabilidade

de exposição aos clientes de importação, o que causa uma pressão exagerada sobre o mercado cambial, criando oportunidades para inovar e aumentar o nível de profissionalismo e sofisticação das operações. O sentido descendente das taxas de juro levou também a repensar modelos e torná-los mais transparentes e próximos do cliente, com reconhecidos benefícios para o sistema financeiro.

Iniciámos em 2011 a implementação da visão estratégica do VTB África, a qual traduz-se no estabelecimento de uma área de Corporate e Banca de Investimento, associada a uma banca transaccional especializada e baseada em sistemas de processamentos electrónicos. O plano de expansão física do VTB África SA permitirá assegurar uma presença competitiva no médio e longo prazo em segmentos de mercado com elevado potencial de crescimento.

Nesta senda, procuraremos superar continuamente os desafios a que nos propomos, renovando a nossa ambição de liderança e de inovação. O envolvimento dos colaboradores, a abertura à sociedade, o apoio na inovação e no rigor como factores diferenciadores bem

como a simplificação, transparência e enfoque em áreas de negócios estratégicas, permitem-nos projectar o VTB África e desafiam-nos a reforçar a relação de confiança com os nossos clientes.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (core) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola e do seu banco em particular?

O crescimento do negócio bancário passa, sem dúvida, pelo alargamento da base de clientela e pela diversificação sectorial do negócio.

A banca de retalho, que tem vindo a prestar mais atenção aos segmentos de elevada renda, deverá agora posicionar-se nos restantes segmentos, o que irá permitir trazer maior liquidez para o mercado financeiro formal e também aumentar a cultura bancária da população em geral.

Em relação ao mercado empresarial, irá acontecer naturalmente uma migração do negócio para o sector primário como forma de sustentação da economia real e ampliação do efeito de substituição de importações. O sistema financeiro deverá estar preparado para poder enfrentar estes desafios e poder participar no risco inerente a estas operações.

Outro aspecto não menos importante será o desenvolvimento de Sector Secundário, com uma indústria forte e direccionada para a transformação dos produtos do sector primário, mas também aproveitando a posição geo-estratégica de Angola para o fomento de relação de negócio com países da região sub-sahariana. O VTB África possui os recursos e a experiência do grupo VTB para poder apoiar o desenvolvimento que irá ocorrer neste importantes sectores da economia e contribuir para que Angola possa representar-se como uma das nações líderes da região.



Pedro Pinto Coelho
CEO

Standard Bank Angola Qualidade no serviço e solidez na instituição

Que apreciação faz à evolução do sector financeiro angolano no período em análise, designadamente na comparação dos dados conhecidos de 2012 com o ano de 2011?

Penso que o ano de 2012 é um ano de viragem, em que as taxas de juro, ao caírem muito rapidamente, obrigaram os bancos a procurar outras formas de rentabilizar os seus depósitos, para além do investimento tradicional em títulos do Tesouro, nomeadamente através de concessão de crédito. No entanto, este processo é gradual.

No caso da instituição financeira a que preside, quais foram (em síntese) as maiores vitórias e quais os obstáculos encontrados no último ano, considerando a variável de incerteza que tem persistido nos mercados financeiros internacionais desde 2008/2009?

As maiores vitórias foram o reconhecimento do Standard Bank como banco de referência no mercado angolano, nomeadamente junto de empresas. Várias clientes dão cada vez mais valor à qualidade de serviço e à solidez da instituição. Obstáculos, felizmente, não foram muitos. O banco beneficiou com as dificuldades de outras instituições financeiras serem contaminadas pelos problemas na Europa, nomeadamente Portugal.

Quais são os indicadores e segmentos que considera mais determinantes (*core*) para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio da banca em Angola, e do seu banco em particular?

Os indicadores mais determinantes para assegurar a sustentabilidade do crescimento do negócio em Angola passam por qualidade de serviço, reduzido risco operacional, bons indicadores de liquidez e de solvabilidade. O segmento determinante é o segmento empresas. Caso o banco tenha sucesso neste segmento, será sustentável no futuro.

Face à emergência de uma classe média/média alta, que novos produtos e serviços podem ser desenvolvidos no âmbito da captação das poupanças e da concessão de crédito (habitação e consumo)?

Existe uma série de produtos que podem apoiar a classe média de forma a responder às suas necessidades. No entanto, o cliente deve ser orientado para poupar para o futuro e endividar-se de forma responsável.

Bancos e empresas precisam ter acesso ao mercado de capitais global

MAYBACH



E Y E W E A R



IF YOU WANT TO KEEP UP WITH THE TIMES,
YOUR STYLE MUST BE TIMELESS.

OLHAR DE PRATA

Avenida Fontes Pereira de Melo Nº21
1050-116 Lisboa

Tel: 213 513 230

www.olhardeprata.pt • geral@olhardeprata.pt

* Se queres acompanhar os tempos, o teu estilo tem de ser intemporal

IVKO GmbH | 56729 Baar | Germany | info@maybach-eyewear.com | www.maybach-eyewear.com

„Maybach“ and the „MM“ logo are subject to intellectual property protection owned by Daimler AG. They are used by IVKO GmbH under license.



A política monetária e cambial, aliada à estabilidade na vertente orçamental do Executivo, prosseguida pelo BNA tem permitido a redução da taxa de inflação para níveis historicamente baixos, graças também à descida da “inflação importada”. Se este novo cenário macroeconómico for sustentável (o que não é garantido devido a variáveis externas/ internacionais como o preço das *commodities*), o país reforça credibilidade externa e o sector da banca estará perante novos desafios. Assim, que medidas deveriam ser aplicadas adicionalmente ou reajustadas na banca de retalho e/ou no *private banking* com vista à solidez do sistema financeiro angolano?

Para o sistema ficar mais sólido devem ser tomadas medidas de redução dos controles cambiais associados, de forma a permitir que bancos e empresas tenham acesso ao mercado de capitais internacional.

Após o ciclo político-económico de fomento do investimento público registado durante o último ano, que impacto poderá ter no sector financeiro um eventual abrandamento dos investimentos?

Acreditamos que o sector privado é fundamental para o crescimento sustentável da economia. No entanto, a banca deve financiar projectos privados de forma criteriosa. Só projectos com boa gestão e uma boa base de capital têm capacidade de vencer no futuro.

O AMANHÃ NASCE AGORA.

Toda a vida fez planos. Alguns, esqueceu. Outros, adiou. Outros continuam na sua cabeça. Acreditamos que o amanhã é o lugar onde se concretizarão todos os seus planos. Porque, se é verdade que o amanhã ainda não chegou, o amanhã está à sua espera com a forma que você lhe quiser dar. E é precisamente isso que fazemos. Damos forma ao seu amanhã.

 ATLANTICO

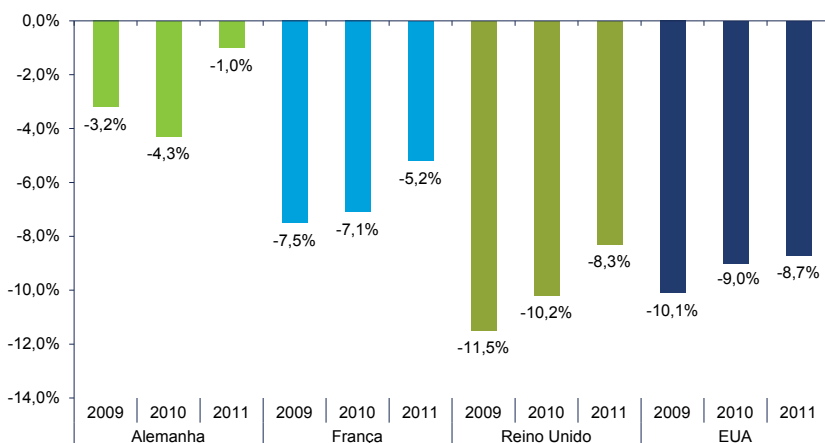
Valores com futuro.

Enquadramento macroeconómico



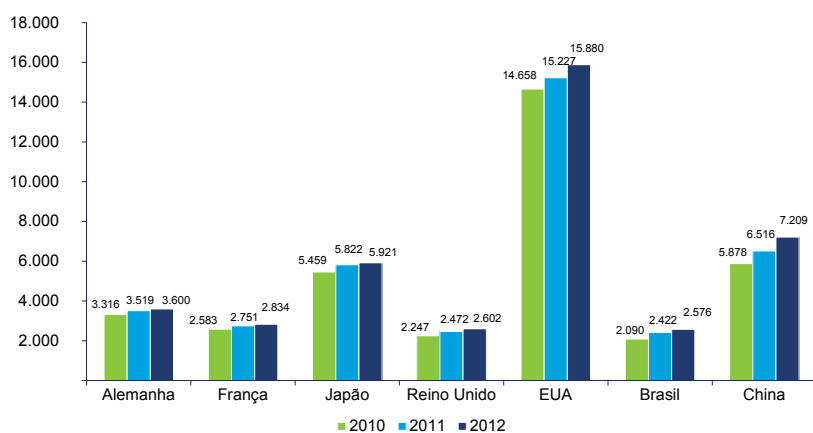
A economia mundial está em acelerada mudança, com destaque para o reforço do papel dos mercados emergentes

Défices Públicos (2009-2011)



Unidade: percentagem do PIB.
Fonte: US Federal Government, Eurostat.

Valores do PIB (2010-2012)



Unidade: mil milhões de dólares. 2012 estimado
Fonte: FMI

Introdução

Durante 2011 e na primeira metade de 2012 a economia mundial tem confirmado as estimativas menos optimistas que têm sido traçadas pelos principais analistas. Em particular as economias europeias e norte-americanas não conseguiram ainda recuperar os níveis de crescimento registados antes da crise do *subprime* e da posterior crise das dívidas soberanas.

Na Zona Euro, a falta de um consenso político alargado tem dificultado a existência de uma estratégia comum de combate à crise. A discussão mantém-se entre o controlo da inflação e a redução dos défices e dívidas externas, de um lado, e, do outro, a defesa de políticas de investimento público com o objectivo de gerar crescimento. Paralelamente, continuam em curso os programas de apoio externo a Portugal, Irlanda e Grécia. A situação da Grécia continua a preocupar a União Europeia, e em particular a Zona Euro. A necessidade de ajustamento do plano inicial de resgate e os contínuos sinais de incumprimento dos objectivos traçados são o reflexo de problemas estruturais ainda não resolvidos. Neste enquadramento permanecem sinais de preocupação sobre as economias espanhola e italiana, materializados nos cortes do *rating* dos países e das empresas, na fraca *performance* da generalidade dos indicadores económicos e na crescente instabilidade social. A economia espanhola, em particular, tem estado debaixo de grande pressão, obrigando o governo a pedir apoio à União Europeia para o seu sector bancário e a implementar planos exigentes de contenção da despesa pública e de aumento da receita.

No que se refere aos Estados Unidos da América, os indicadores dos últimos dois anos apresentam sinais contraditórios. Por um lado, regista-se uma redução lenta, mas contínua, do desemprego e do défice público; por outro, a dívida externa continua a subir e o crescimento do PIB é inferior ao previsto. A evolução dos EUA nos próximos meses será condicionada pelas eleições programadas para o final deste ano, estando as

Evolução do PIB nos BRIC (2009-2012)

Pais	2009	2010	2011	2012
Brasil	-3,3%	30,6%	15,9%	6,4%
China	10,4%	17,8%	10,8%	10,6%
Índia	0,8%	21,2%	10,8%	9,1%
Rússia	-26,4%	19,9%	29,3%	16,0%

Fonte: FMI

questões do desemprego e do crescimento económico em foco desde o início da campanha eleitoral.

Apesar de os sinais das economias da Zona Euro e dos EUA não serem totalmente positivos, a economia mundial cresceu em 2011, alavancada no desenvolvimento dos principais países emergentes. Os BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) cresceram acima de 10% tanto em 2010 como em 2011. Este crescimento deverá abrandar em 2012, mas manter-se-á acima de 5%.

As previsões de desenvolvimento estão, naturalmente, dependentes da evolução do preço do petróleo, que entre Junho e Agosto recuperou da queda sentida no início do ano. Durante os próximos meses será possível identificar se esta subida de preço é temporária ou se se prolongará, pressionando o crescimento das economias não produtoras.

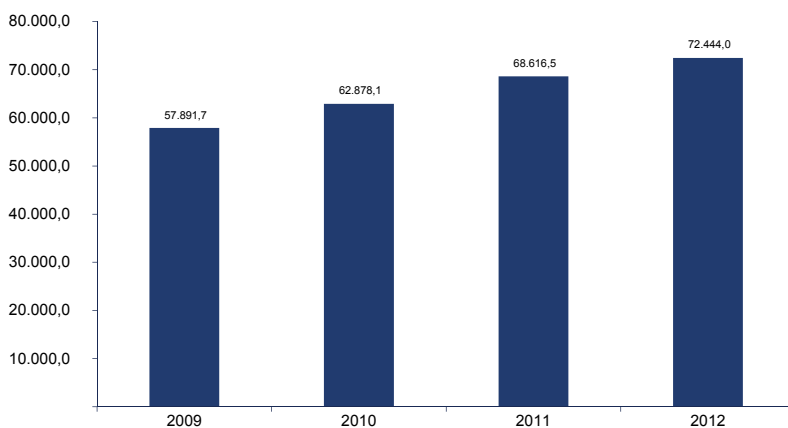
O final de 2012 e o ano de 2013 continuarão a ser marcados por incerteza, justificada pela dificuldade em encontrar soluções sustentadas para as crises das economias europeias e norte-americana. Os objectivos de longo prazo da China irão também condicionar esse desenvolvimento, não sendo ainda clara a evolução expectável. A compra de participações em várias empresas mundiais, a intervenção económica e política em diversos países e o controlo cambial do renminbi vão consolidar a posição deste gigante asiático, cada vez mais relevante na economia mundial.

Preço do petróleo (2010-2012 YTD)



Unidade: dólares por barril.
Fonte: US Energy Information Administration.

Valores do PIB (2009-2012), total de 184 países



Unidade: Mil milhões de dólares;
2012 estimado
Fonte: FMI

Principais indicadores macroeconómicos

Produto interno bruto

O produto interno bruto mundial apresenta uma tendência de crescimento, apesar de ser notória a disparidade entre as economias mais desenvolvidas e as economias emergentes. Em 2011, a China reforçou a sua condição de segunda maior economia e a Rússia passou a nona maior economia mundial, ultrapassando o Canadá.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o crescimento do PIB mundial irá continuar, sendo as previsões até 2016 sempre superiores a 5% ao ano.

Taxas de juro

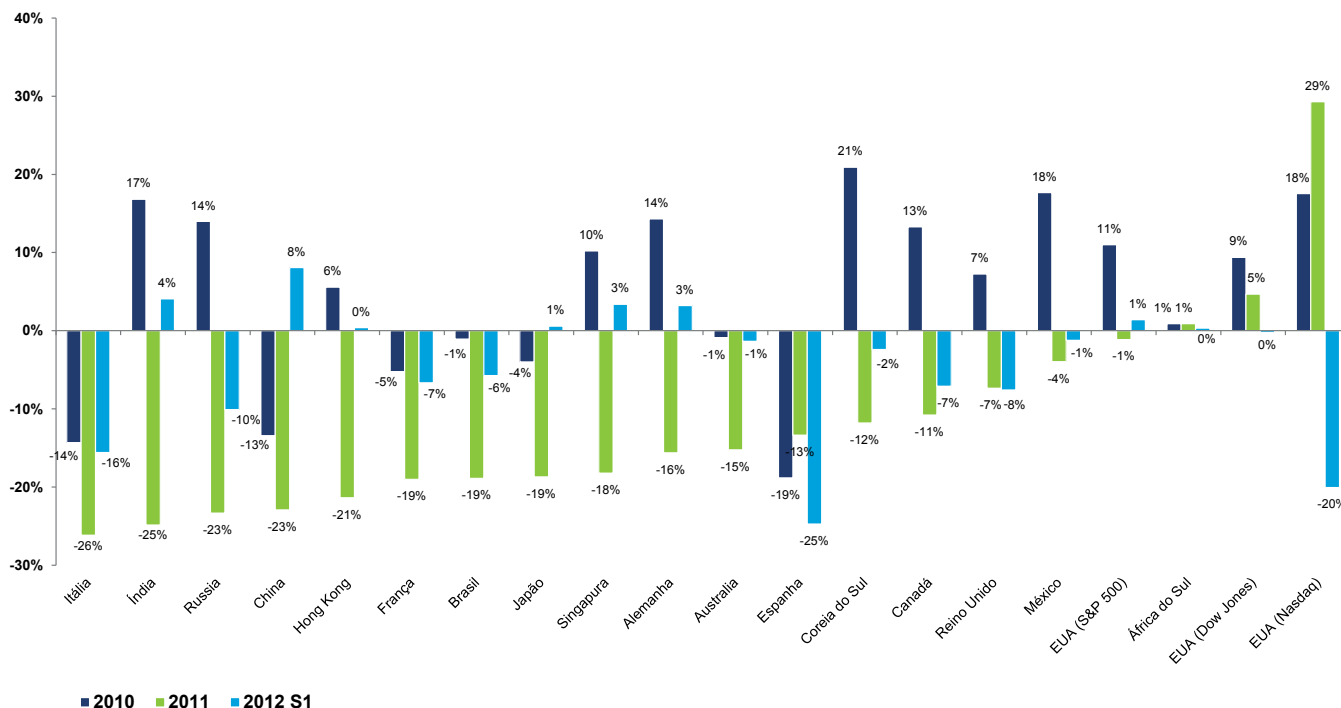
Em 2011 e início de 2012 continuou a verificar-se um comportamento da Euribor díspar relativamente ao registado pelas taxas de juro de referência do dólar norte-americano e da libra inglesa. Após um rápido crescimento em 2011, a Euribor apresentou uma queda muito acentuada, fixando-se actualmente em valores inferiores às taxas de referência do dólar e da libra. A evolução futura das taxas de juro deverá depender das soluções que os bancos centrais definam e que deverão ter em conta a escassez de crédito que se tem observado nas economias da Europa e dos Estados Unidos.

Taxas de juro (2010-2012 YTD)



Fonte: Banco de Portugal, BBA.

Evolução dos mercados financeiros (2010-2012 YTD)



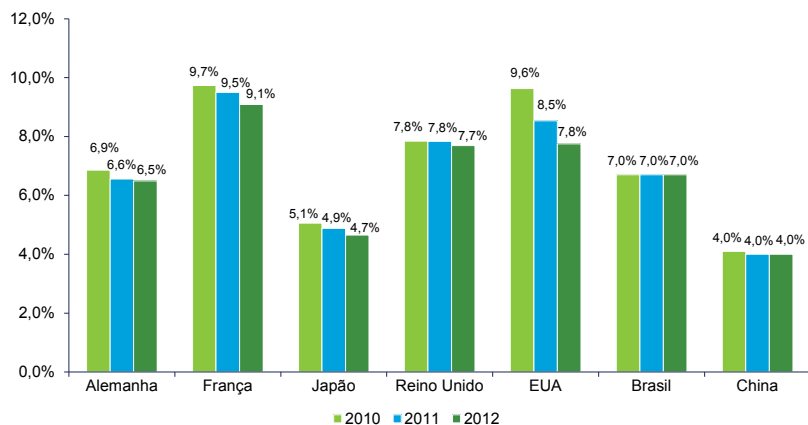
Fontes: Yahoo Finance, RTS.RU, MSN Finance.

Mercados accionistas

Depois de se observarem, em 2010, ganhos nas principais bolsas mundiais que prometiam retoma e crescimento, 2011 e 2012 invertem esta tendência, tendo os mercados voltado às perdas, anulando os ganhos de 2010. A crise financeira teve impactos no aumento dos impostos e na escassez de crédito e deverá manter esta tendência até ao final de 2012.

No entanto, continuam a observar-se diferenças entre as economias emergentes e as mais maduras, com as bolsas da China e da Índia a apresentarem taxas de crescimento relevantes.

Taxa de desemprego (2010-2012)



2012 estimado
Fonte: FMI

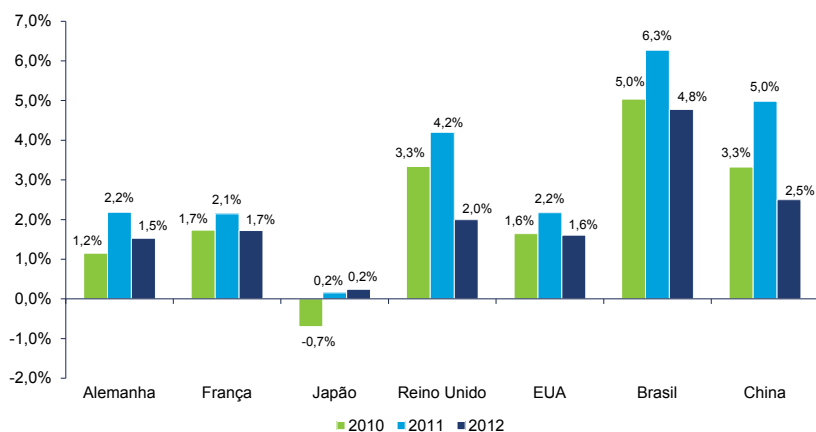
Taxa de desemprego

Em 2011 observou-se uma redução do desemprego face aos máximos atingidos em 2010. O FMI prevê que esta tendência se mantenha em 2012, mesmo para as economias mais desenvolvidas. Apesar da redução global, o desemprego apresenta valores elevados ou crescentes em alguns países, nomeadamente nas economias europeias em maior dificuldade e nos EUA.

Espera-se que durante os próximos meses os governos destes países continuem a apresentar iniciativas políticas com o objectivo de promover a criação de emprego.

A evolução da taxa de desemprego está dependente do crescimento das economias mundiais, e uma nova recessão na Europa ou nos EUA obrigará à revisão da previsão de redução deste indicador.

Taxa de inflação (2010-2012)



2012 estimado
Fonte: FMI

Taxa de inflação

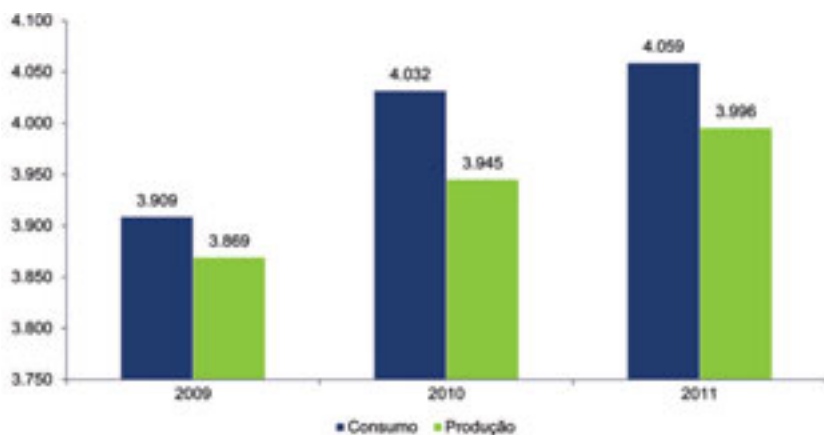
Em 2011 houve um crescimento significativo nos valores da inflação, com especial destaque para o Brasil, a China e o Reino Unido. Deve-se destacar o facto de o Japão ter regressado a valores positivos, apesar de se manter muito próximo de 0%. Para 2012 prevê-se uma redução dos valores de inflação, voltando aos níveis de 2010.

Petróleo

Como se pode analisar no gráfico apresentado, em 2011 observou-se uma queda dos preços do petróleo, acompanhada de forte instabilidade. No início de 2012 o preço do barril recuperou com a redução da instabilidade em alguns países produtores, atingindo em Março 123 dólares por barril (*brent*). Mas, depois de nova queda acentuada, o preço do barril atingiu em Junho o valor mais baixo dos últimos 12 meses.

Os valores de 2011 apresentaram um aumento da produção superior ao do consumo, mas este facto não foi suficiente para alterar significativamente a proporção entre o consumo e a produção. O consumo mantém-se superior à produção em 1,6%, contra 2,2% de diferença registados em 2010. O rácio entre consumo e produção mantém-se sensivelmente inalterado em 2012.

Consumo vs. produção de petróleo (2009-2010)



Unidade: Milhões de toneladas.
Fonte: BP – Statistical Review of World Energy 2012.

Enquadramento Economia angolana



Evolução do PIB nominal – Angola (2005-2012)



Unidade: mil milhões de kwanzas.

Fonte: Orçamento Geral do Estado para o ano de 2012. Valores estimados para 2011 e 2012

O produto interno bruto angolano continua a registar taxas de crescimento invejáveis face à média dos mercados do Hemisfério Norte

Introdução

Em 2011, a economia angolana cresceu, em termos reais, cerca de 3,4%. A quebra da produção petrolífera penalizou este crescimento, mas foi compensada pela manutenção do preço do petróleo em valores elevados face à expectativa no início do ano.

Durante o ano de 2011 mantiveram-se os resultados positivos da política de estabilização que o Banco Nacional de Angola (BNA) tem posto em prática, tendo-se observado poucas flutuações da taxa de câmbio do kwanza face ao dólar norte-americano e uma redução consistente da inflação.

Para 2012, o governo estima uma aceleração significativa da economia, prevendo um crescimento real do PIB de 8,9%. Este crescimento é sustentado pela recuperação da produção petrolífera (estima-se que o sector petrolífero cresça cerca de 8,5%) e pela contínua diversificação da economia, reflectida na estimativa de crescimento do sector não petrolífero de 9,1%.

Principais indicadores macroeconómicos

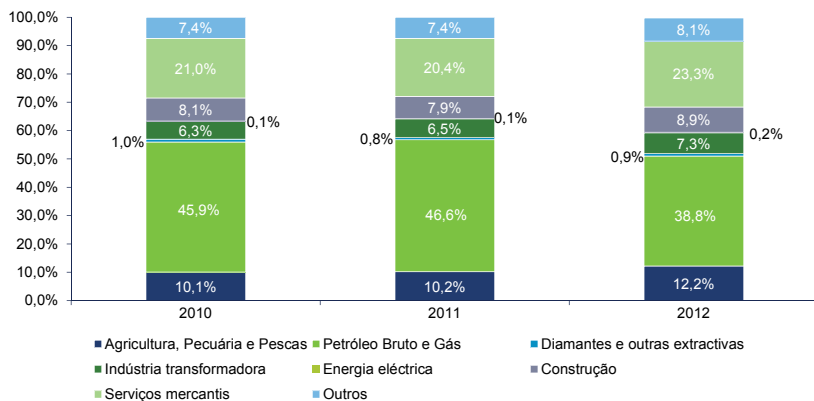
Produto interno bruto

O PIB angolano mantém uma trajectória ascendente muito significativa. Em linha com a estimativa do governo, os principais analistas de mercado projectam a manutenção de taxas de crescimento económico acima dos 6% ao ano para o período de 2013 a 2015.

De acordo com o Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado de 2012, o governo prevê o aumento da diversificação da economia com um aumento de 7,8 pontos percentuais no peso do sector não petrolífero, com especial destaque para os “Serviços mercantis”, “Construção” e “Agricultura, pecuária e pescas”.

Para o período de 2013 a 2015, os analistas prevêem a estabilização da produção de petróleo em torno dos dois milhões de barris por dia e o rápido desenvolvimento do sector não-petrolífero, com taxas de crescimento perto de 9% ao ano.

Segmentação PIB Angola (2010-2012)



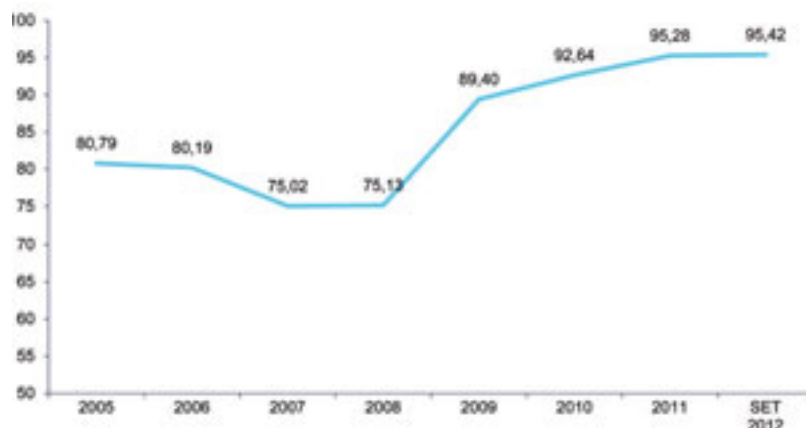
Fonte: Orçamento Geral de Estado 2012

Taxa de Inflação Homóloga de Angola (2005-2012)



Fonte: Ministério das Finanças

Taxa de câmbio média USD-AKZ (2005-2012)



Fonte: Estatísticas do BNA

Taxa de inflação

Ao longo do último ano a inflação continuou a sua trajectória descendente, estimando o Ministério das Finanças que o seu valor seja de cerca de 10% no final deste ano. O BNA anunciou o marco histórico de, em Agosto, a taxa de inflação dos últimos 12 meses se ter fixado em 9,87%, pela primeira vez abaixo dos dois dígitos, e consistente com as previsões do governo.

A aceleração da economia dificulta a estabilização deste indicador. No entanto, o controlo da inflação continua a ser uma prioridade da política do governo e da actuação do BNA, uma vez que a sua redução permite diminuir a incerteza dos diversos agentes económicos, incluindo dos investidores externos.

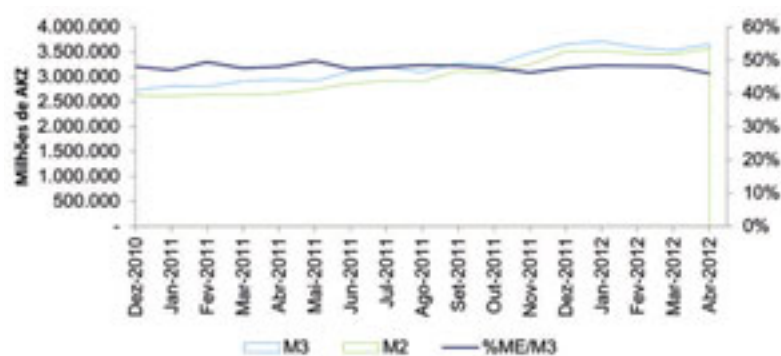
Taxa de câmbio

Durante o ano de 2011 a taxa de câmbio face ao dólar americano verificou um crescimento muito moderado, inferior ao dos anos anteriores. Durante o ano de 2012 também não se observaram flutuações significativas, fixando-se a taxa de câmbio no final de Setembro em 95,4 kwanzas por dólar.

A baixa volatilidade do kwanza é consequência da política de estabilização cambial do BNA, contribuindo, no longo prazo, para a redução da inflação. Desde o final de 2011, o BNA tem dado sinais de pretender implementar uma política de controlo monetário indirecto. A criação do Comité de Política Monetária e a introdução da taxa básica de juro são medidas concretas da implementação desta política. O BNA prossegue igualmente uma política de “desdolorização” da economia, materializada nas regras de concessão de crédito em moeda estrangeira e na obrigação da liquidação de transacções entre residentes ser efectuada em moeda nacional. A alteração do regime cambial aplicável ao sector petrolífero contribui também para este processo e constitui uma alavanca para o desenvolvimento do sector financeiro, na medida em que obriga à intermediação dos pagamentos do sector pelos bancos nacionais. No entanto, esta medida irá criar maior disponibilidade de dólares no mercado interno e trará novos desafios para a condução da política monetária.

O aumento do crédito à economia foi de 30% entre 2010 e 2011. Este ano a tendência mantém-se

Evolução da Massa Monetária



Fonte: Banco Nacional de Angola (Informação Trimestral)

Massa Monetária ¹

A Massa Monetária manteve o seu crescimento durante 2011, tendo estabilizado no início de 2012. É relevante notar que os valores de M2 e M3 se aproximaram, tendo atingido valores quase iguais no início de 2012.

O peso da moeda estrangeira relativamente a M3 manteve-se relativamente constante durante o ano de 2011, sempre no intervalo entre 46% e 50%.

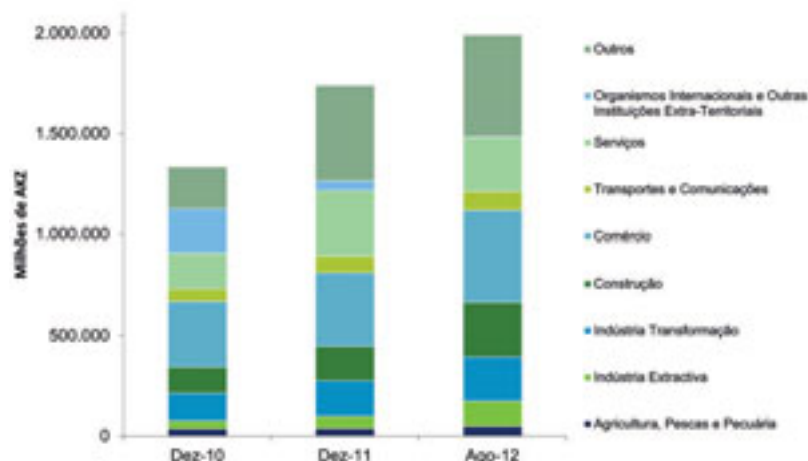
Crédito à economia

Entre 2010 e 2011 observou-se um aumento do crédito à economia de 30%, tendo sido atingidos mais de 1700 mil milhões de kwanzas. Os sectores dos "Serviços" e das "Indústrias extractivas" foram os que apresentaram maior crescimento, tendo o sector do "Comércio" mantido o estatuto de principal receptor do crédito concedido.

Em 2012 observa-se uma continuação do crescimento do crédito à economia, tendo sido registado até Agosto um incremento de 14% face ao ano anterior. Os sectores com maior crescimento no início de 2012 são os da "Indústria extractiva" e da "Construção".

Por sua vez, em 2011 o Estado financiou-se essencialmente através da emissão de bilhetes do Tesouro. De assinalar a contínua descida das taxas médias de colocação de BT, expressa na variação em cerca de 8 pontos percentuais entre o 1.º trimestre de 2011 e o 1.º trimestre de 2012. Esta descida acentuada é um dos factores que contribui positivamente para o controlo da inflação e para a promoção do crédito à economia.

Crédito à economia por sector de actividade (2010-2012 YTD)



Fonte: Banco Nacional de Angola

¹ A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3:

M1 (Moeda): compreende as notas e moedas em poder do público, mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

M2 (Moeda + quase Moeda): M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares. M3 (Meios de Pagamento): M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

% ME/M3: representa a percentagem de moeda estrangeira no total de meios de pagamento.

Estudo



Banca em Análise 2012



Bancos em Angola – 2011

Sigla	Nome	Ano de início de actividade
BPC	Banco de Poupança e Crédito	1976
BCI	Banco de Comércio e Indústria	1991
BCGTA	Banco Caixa Geral Totta de Angola	1993
BFA	Banco de Fomento Angola	1993
BMA	Banco Millennium Angola	1993
BAI	Banco Angolano de Investimentos	1997
BCA	Banco Comercial Angolano	1999
SOL	Banco Sol	2001
BESA	Banco Espírito Santo Angola	2002
BRK	Banco Regional do Keve	2003
BMF	Banco BAI Microfinanças	2004
BIC	Banco BIC	2005
BNI	Banco de Negócios Internacional	2006
BPA	Banco Privado Atlântico	2006
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola	2006
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio	2007
VTB	Banco VTB - África	2007
FNB	Finibanco Angola	2008
BKI	Banco Kwanza Investimento	2008
BCH	Banco Comercial do Huambo	2010
SBA	Standard Bank de Angola	2010
BVB	Banco Valor	2010
BPD	Banco para Promoção e Desenvolvimento	n.a.

Bases de preparação do estudo

A análise do sector resulta da compilação da informação pública disponibilizada pelos bancos que actuam no mercado e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para comparação, foram ainda recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, brasileiro, sul-africano e norte-americano.

Os valores agregados do sistema, salvo quando expressamente mencionado, resultam do somatório dos valores de todos os bancos considerados no estudo. Este inclui os bancos a operar em Angola durante o ano de 2011, com excepção do Banco BAI Microfinanças, cujas demonstrações financeiras para o ano de 2011 ainda não se encontravam disponíveis. As demonstrações financeiras do Banco de Desenvolvimento de Angola apresentadas nesta edição são provisórias, bem como as do Banco Espírito Santo Angola, mas o conselho de administração considera que a versão definitiva não será objecto de alterações materialmente relevantes.

Os bancos a operar em Angola em 2011 eram os constantes na figura ao lado, com excepção do Banco para Promoção e Desenvolvimento, o qual, embora já tenha a autorização de constituição do BNA, ainda não iniciou a actividade.

Introdução

Em 2011 verificou-se uma reaceleração do crescimento do sector bancário Angolano, apesar do contexto de crescimento económico menos expressivo do país. Registaram-se taxas de crescimento dos principais agregados de depósitos e de crédito de 35% e 17%¹ respectivamente, fixando-se o valor de depósitos no final de 2011 em 3.592 mil milhões de AKZ e do crédito de 3.018 mil milhões de AKZ.

O crescimento do sector fez-se num contexto de diversas alterações regulamentares, registadas ao longo do ano, nomeadamente ao nível da política monetária e cambial. As alterações, consubstanciadas na emissão de um conjunto de normativos emanados pelo BNA, demonstram a preocupação com a concretização dos objectivos de preservação do valor da moeda nacional e da redução consistente da inflação.

¹ Fonte: Agregados Monetários de Depósitos e Crédito do BNA

O número de contas bancárias abertas quase duplicou no final do ano de 2011, segundo o Banco Nacional de Angola

Relativamente à política cambial, já em 2010 o BNA tinha definido novos limites de exposição em moeda estrangeira. O normativo definia limites graduais que se reduziam até ao máximo de 20% dos Fundos Próprios Regulamentares (FPR), a ser integralmente cumprido até Junho de 2012. Para complementar o efeito desta medida, em Junho de 2011, as operações de crédito denominadas em moeda estrangeira passaram a ser ponderadas em 130% para efeitos de apuramento dos activos ponderados pelo risco. No que diz respeito à política monetária, o BNA alterou o método de cálculo e os coeficientes das reservas obrigatórias, passando a considerar-se um coeficiente de 20% para a moeda nacional e de 15% para a moeda estrangeira.

Adicionalmente, em Outubro de 2011, o BNA publicou um conjunto de novos normativos relativos à aprovação dos instrumentos de operações de mercado monetário. Este quadro operacional introduz no sistema financeiro Angolano o conceito de Taxa Básica de Juro – Taxa BNA, que indica a orientação da Política Monetária, e segrega as facilidades de natureza prudencial das facilidades da Política Monetária.

Pretende-se que a Taxa Básica de Juro desempenhe um papel fundamental na sinalização dos objectivos da política monetária para o mercado e que o mecanismo de transmissão da mesma ocorra através das operações de cedência e absorção de liquidez de muito curto prazo do Banco Central, pelo seu impacto no custo marginal do “funding” dos Bancos, tornando mais eficaz a gestão de liquidez na economia. Com o propósito de suportar a implementação e monitorização da Política Monetária definida, foi criado o Comité de Política Monetária (CPM) que tem por função estabelecer directrizes que permitam implementar as medidas definidas e determinar regularmente a Taxa BNA, comunicada formalmente.

No quadro da nova política monetária foi também institucionalizada a LUIBOR - Luanda Interbank Offered Rate - taxa diária baseada nas taxas de juro

às quais os Bancos emprestam fundos não garantidos entre si, no mercado interbancário. Esta taxa é publicada diariamente pelo BNA, para os diversos prazos do mercado interbancário.

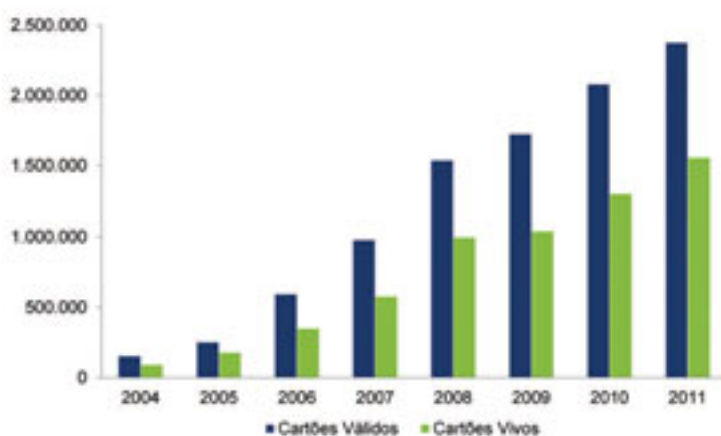
Também durante o ano de 2011, o BNA introduziu novos normativos relativos ao cumprimento de práticas internacionais de combate ao branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo. Para tal deverão ser implementados procedimentos de identificação de clientes e criada a figura do Compliance Officer na estrutura organizacional das instituições financeiras.

Por outro lado, preocupado com o alargamento dos serviços bancários às populações com rendimentos mais baixos, o BNA iniciou uma campanha de sensibilização e educação financeira que se concretizou, quer pela divulgação dos serviços financeiros nos meios de comunicação social, com um apelo à sua utilização, quer pela criação do produto “Bankita”, com características específicas que facilitam a abertura de conta bancária, em parceria com diversos Bancos Comerciais.

Segundo o BNA, este programa tem vindo a produzir efeitos ao nível do aumento da taxa de bancarização, reflectindo-se no número de contas bancárias abertas, que quase duplicou no final do ano de 2011.

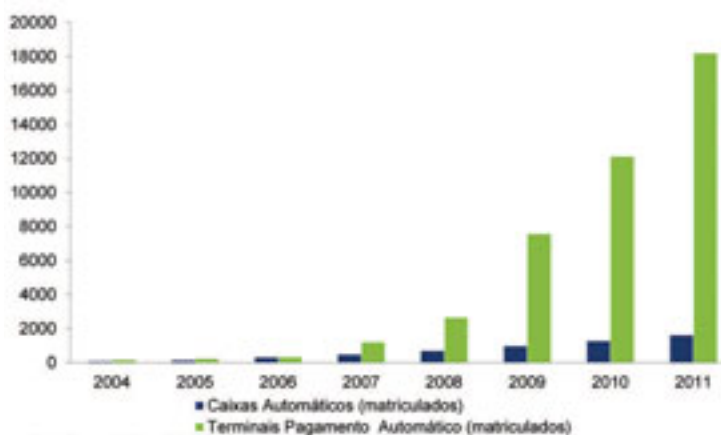
Por sua vez, a Assembleia Nacional aprovou em Novembro de 2011 o novo Regime Cambial do Sector Petrolífero. Esta nova legislação obriga a que a Concessionária Nacional e as operadoras petrolíferas nacionais e estrangeiras efectuem o pagamento de todos os encargos tributários e de bens e serviços fornecidos por entidades residentes e não residentes a partir de instituições financeiras domiciliadas em Angola. Estima-se que a implementação desta legislação terá um impacto significativo para o sector bancário angolano devido ao aumento esperado no volume de transacções intermediadas e liquidadas através dos Bancos nacionais e do consequente aumento do montante de fluxos financeiros a circular no sistema financeiro.

Cartões de crédito e débito



Fonte: Empresa Bancária de Serviços

Rede de Terminais



Fonte: Empresa Bancária de Serviços

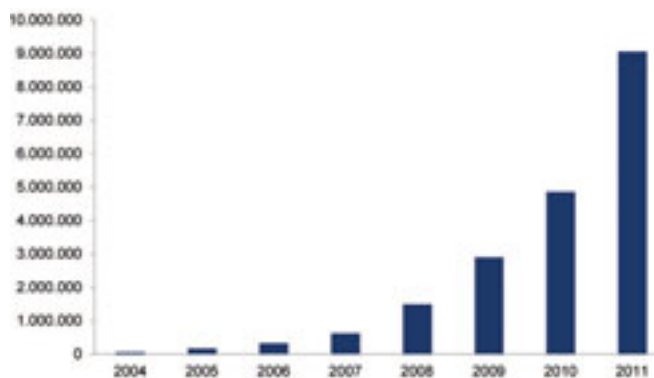
Meios electrónicos de pagamento

Os meios de pagamento electrónicos continuam a registar um forte crescimento no mercado nacional. O número de cartões de crédito e débito vivos (com pelo menos uma utilização) aumentou cerca de 20% em 2011, tal como os cartões válidos, que registaram um crescimento de 14%.

No que se refere à rede de terminais, o número de caixas automáticos (ATM) e terminais de pagamento automático (TPA) registaram um crescimento de 26% e 50%, respectivamente. O número de ATM aumentou para 1.629 em 2011, comparativamente a 1.289 em 2010, e o número de TPA cresceu para 18.199 terminais em 2011, face a 12.140 em 2010.

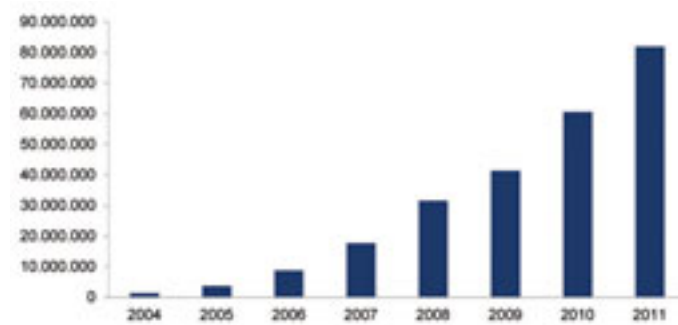
Adicionalmente, o número de transacções em 2011 cresceu cerca de 39% face a 2010, registando-se um aumento de 35% nas transacções realizadas em ATM e de 87% nas efectuadas em TPA. Assim, verifica-se que a evolução do número de TPA foi acompanhada pelo aumento ainda mais expressivo das transacções efectuadas, sinal da cada vez maior abertura dos agentes económicos para a utilização destes meios de pagamento.

Transacções em TPA



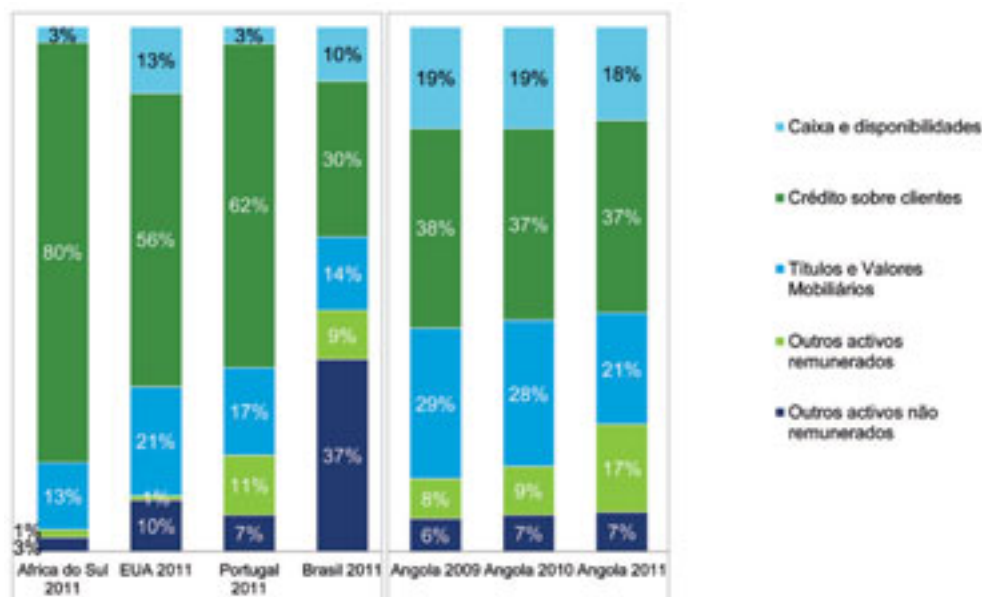
Fonte: Empresa Bancária de Serviços

Transacções em ATM



Fonte: Empresa Bancária de Serviços

Estrutura de activos



Fonte: Bancos Nacionais, Demonstrações Financeiras dos Bancos

Estrutura de activos consolidada

Em 2011, o volume de activos agregado dos Bancos Angolanos cresceu cerca de 24%, verificando-se algumas alterações ao nível da estrutura da sua composição.

O peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos manteve-se nos 37%, uma percentagem semelhante à do Brasil mas ainda distante de mercados mais maduros.

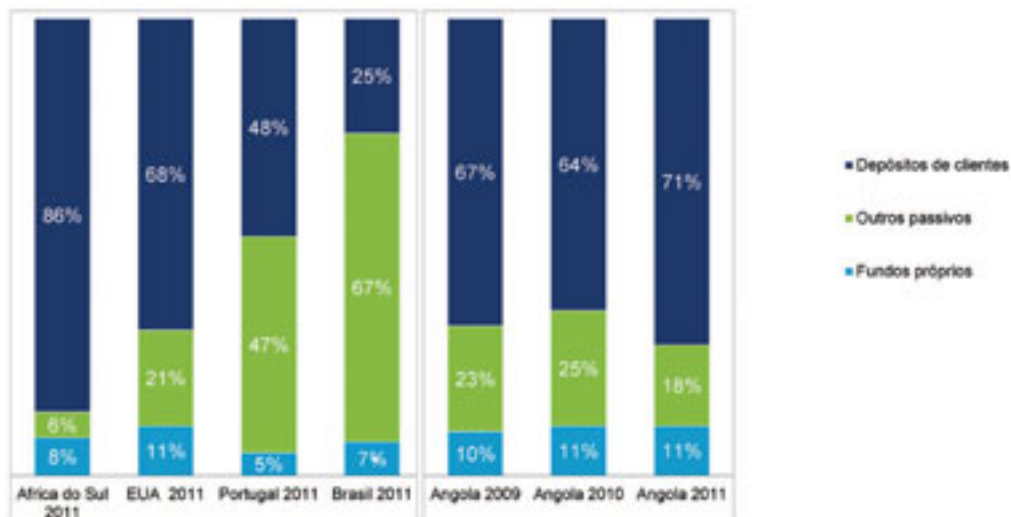
Relativamente às restantes componentes, interessa destacar um aumento do peso dos outros activos

remunerados, por contrapartida da diminuição dos títulos e valores mobiliários.

Na estrutura de financiamento do activo verificou-se um aumento do peso dos depósitos de clientes de 64% para 71%, em contrapartida da redução do peso dos outros passivos de 25% para 18%.

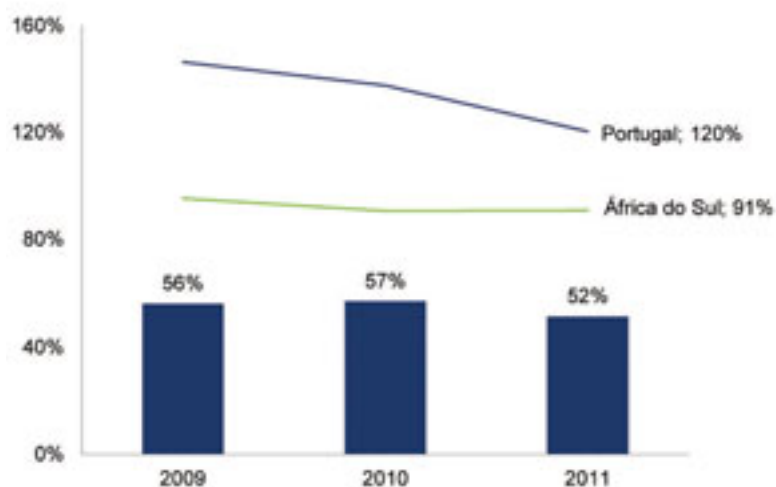
No que respeita à componente de fundos próprios, manteve-se a sua proporção de 11% no total da estrutura de *funding*.

Estrutura de *funding*



Fonte: Bancos Nacionais, Demonstrações Financeiras dos Bancos

Crédito líquido sobre depósitos



Fonte: Bancos Nacionais, Demonstrações Financeiras dos Bancos

Crédito líquido sobre depósitos

O ano de 2011 foi marcado pelo crescimento do crédito líquido sobre clientes. No entanto, o crescimento dos depósitos captado foi superior, o que justifica a redução do rácio de transformação de 57% para 52%.

Activos totais

O valor total dos activos das instituições financeiras, em 2011, fixou-se em 5.111 mil milhões de kwanzas, o que representa um crescimento de 24% face a 2010.

A posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se inalterada face ao ano anterior. O BAI é o banco com a maior representação neste indicador, 22,1%, seguindo-se o BESA, com 16,5%. Os cinco maiores bancos representam 76,8% do total do sector (78,6% em 2010).

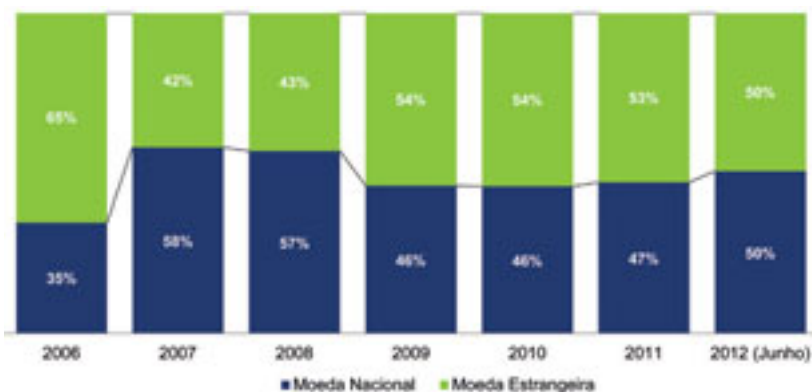
Ranking total de activos

2011			2010		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	22,1%	1	BAI	18,9%
2	BESA	16,5%	2	BESA	17,8%
3	BPC	14,7%	3	BPC	16,4%
4	BFA	13,2%	4	BFA	14,5%
5	BIC	10,3%	5	BIC	11,0%
6	BPA	4,4%	6	BPA	4,4%
7	BMA	3,3%	7	BMA	3,0%
8	BDA	3,0%	8	SOL	2,9%
9	SOL	2,6%	9	BNI	2,7%
10	BCGTA	2,4%	10	BCGTA	2,3%
11	BNI	2,3%	11	BDA	2,0%
12	BCI	1,6%	12	BCI	1,6%
13	BRK	1,2%	13	BRK	1,1%
14	BCA	0,7%	14	BCA	0,6%
15	SBA	0,7%	15	FNB	0,4%
16	FNB	0,4%	16	BANC	0,3%
17	BANC	0,3%	17	BMF	0,1%
18	VTB	0,1%	18	VTB	0,1%
19	BKI	0,1%	19	SBA	0,1%
20	BVB	0,0%	20	BKI	0,0%
21	BCH	0,0%	21	BCH	0,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

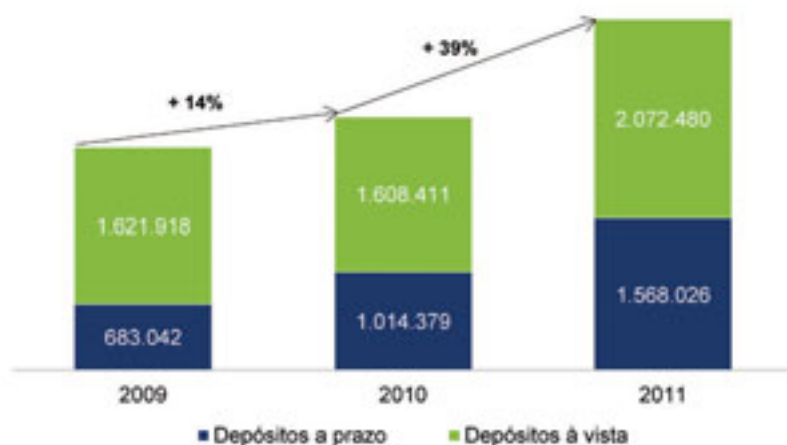
Banca em Análise 2012

Estrutura de depósitos por moeda



Fonte: Agregados BNA.

Composição dos depósitos dos clientes



Unidade: milhões de kwanzas.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Ranking total de depósitos

2011			2010		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	27,4%	1	BAI	21,3%
2	BFA	16,2%	2	BFA	19,7%
3	BPC	15,9%	3	BIC	13,3%
4	BIC	11,5%	4	BPC	13,2%
5	BESA	7,6%	5	BESA	10,2%
6	BPA	4,8%	6	BPA	5,6%
7	SOL	3,3%	7	SOL	4,1%
8	BMA	3,1%	8	BNI	2,8%
9	BCGTA	2,4%	9	BMA	2,7%
10	BNI	2,4%	10	BCGTA	2,5%
11	BCI	1,6%	11	BCI	1,7%
12	BRK	1,4%	12	BRK	1,3%
13	BCA	0,8%	13	BCA	0,7%
14	SBA	0,7%	14	FNB	0,4%
15	FNB	0,4%	15	BANC	0,3%
16	BANC	0,3%	16	VTB	0,1%
17	BKI	0,2%	17	BMF	0,0%
18	VTB	0,1%	18	BKI	0,0%
19	BCH	0,0%	19	BCH	0,0%
20	BVB	0,0%	20	SBA	0,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Depósitos de clientes

Visão agregada

O valor total dos depósitos de clientes no sector bancário Angolano em 2011 foi de 3.641 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 39% face a 2010.

A estrutura de depósitos por moeda manteve-se inalterada no ano de 2010. De acordo com informação do BNA, em Dezembro de 2011 permanecia a preferência por depósitos em moeda estrangeira, com 53% do total de depósitos de clientes, enquanto a moeda nacional representava 47%. No entanto, em Junho de 2012 já se verifica uma distribuição igual entre as duas moedas.

No que se refere à composição dos depósitos de clientes por natureza, o valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos 2.072 mil milhões de AKZ, enquanto os depósitos a prazo ultrapassam os 1.568 mil milhões de AKZ. Devido à evolução do mercado e ao aumento da oferta de novos produtos, verifica-se a manutenção da tendência de diminuição do peso dos depósitos à ordem, que representavam 61% do total dos depósitos em 2010 e que passaram a 57% em 2011, em linha com o verificado nos últimos anos.

Posição relativa dos bancos

Com base na informação pública referente a 2011 disponibilizada pelos bancos no que respeita aos depósitos, a posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se praticamente inalterada face ao ano anterior. O BAI permanece líder, com uma quota de 27,4%, seguindo-se o BFA, com 16,2%.

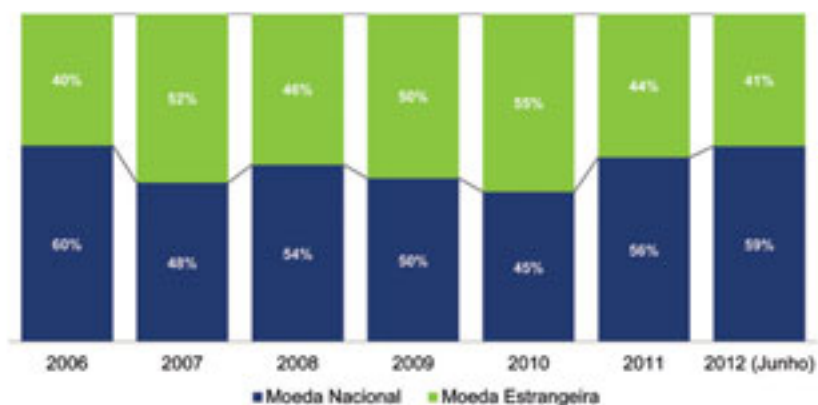
Os cinco maiores bancos detêm, no seu conjunto, uma quota de mercado de 78,6%, valor semelhante ao de 2010, que se situava em 77,7%. Com base no agregado de captação de fundos de clientes disponibilizado pelo BNA, a posição relativa dos cinco principais Bancos mantém-se idêntica. A quota de mercado destes Bancos no seu conjunto ascende a 75 %.

Ranking captação de fundos de clientes

2011			2010		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	27,2%	1	BAI	20,6%
2	BFA	16,2%	2	BFA	19,2%
3	BPC	12,7%	3	BPC	16,1%
4	BIC	11,5%	4	BIC	12,9%
5	BESA	7,5%	5	BESA	10,5%
6	BPA	4,2%	6	BPA	5,6%
7	BDA	3,9%	7	SOL	4,0%
8	SOL	3,2%	8	BNI	2,6%
9	BCGTA	3,0%	9	BCGTA	2,3%
10	BMA	2,6%	10	BMA	1,8%
11	BNI	2,3%	11	BCI	1,6%
12	BCI	1,6%	12	BRK	1,3%
13	BRK	1,4%	13	BCA	0,7%
14	BCA	0,8%	14	FNB	0,4%
15	SBA	0,7%	15	BANC	0,3%
16	FNB	0,4%	16	VTB	0,1%
17	BANC	0,3%	17	BMF	0,1%
18	BKI	0,2%	18	BKI	0,0%
19	VTB	0,1%	19	BCH	0,0%
20	BCH	0,0%	20	SBA	0,0%
21	BVB	0,0%	21	BDA	0,0%

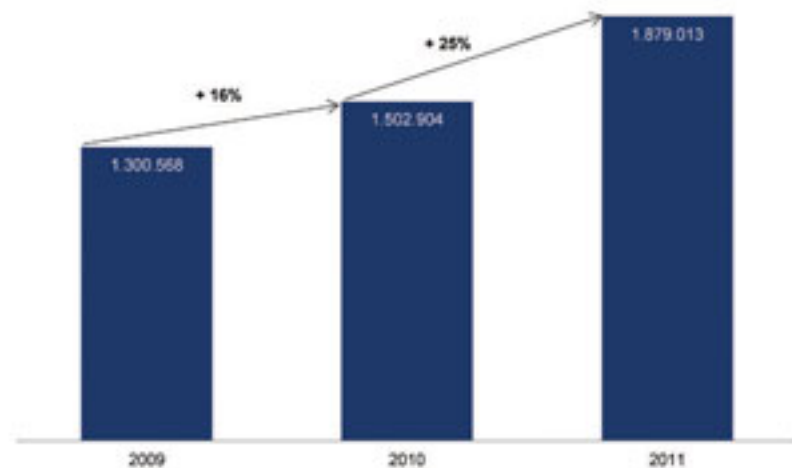
Fonte: BNA.

Estrutura de créditos por moeda



Fonte: Agregados BNA

Crédito a clientes



Unidade: milhões de kwanzas. Fonte: Bancos Nacionais, Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Crédito a clientes

Visão agregada

O total de crédito interno no final de 2011 corresponde a 3.018 mil milhões de AKZ², face a um valor de 2.571 mil milhões de AKZ no final de 2010.

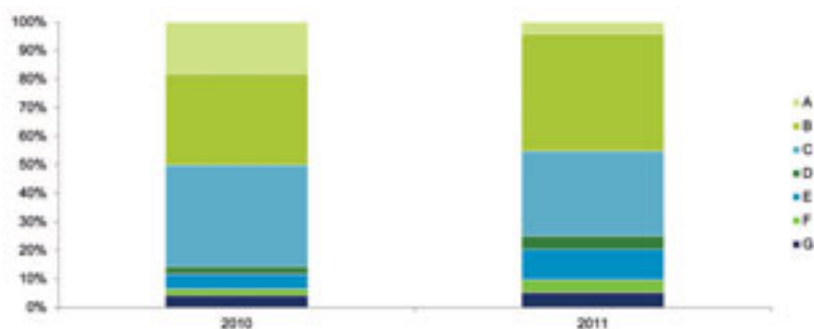
A repartição do crédito por moeda alterou a sua tendência de composição, tendo-se verificado o aumento do peso da moeda nacional entre 2010 e 2011 (o peso de moeda nacional aumentou de 45% para 56%). Esta tendência continua a verificar-se no primeiro semestre de 2012 e é resultado das alterações regulamentares que limitaram a concessão de crédito em moeda estrangeira e da progressiva redução das taxas de juro associadas à moeda nacional.

No que respeita ao crédito líquido a clientes, manteve-se a tendência de crescimento, a um ritmo mais expressivo do que no ano anterior. O seu valor agregado ultrapassou os 1.879 mil milhões de AKZ em 2011, o que corresponde a um crescimento de 25% face ao ano anterior.

² Fonte: Agregados Monetários de Crédito do BNA.

Banca em Análise 2012

Segregação da carteira de crédito por nível de risco

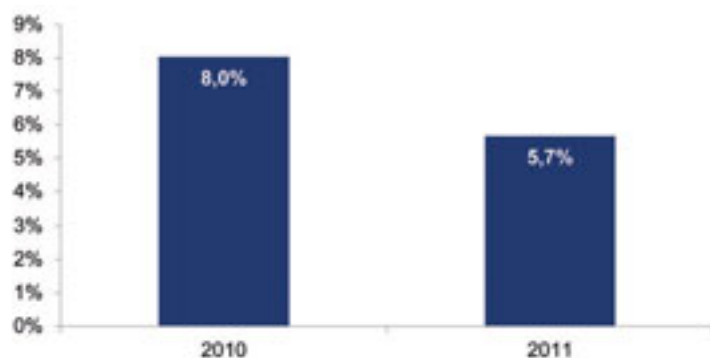


Analisando a segregação da carteira de crédito por nível de risco, verifica-se que cerca de 71% do total da carteira de crédito agregada se encontra nos níveis de risco B e C, em Dezembro de 2011³.

Relativamente ao rácio de crédito vencido, de acordo com a informação disponibilizada pelo BNA verifica-se uma ligeira redução face ao ano de 2010, para cerca de 6%.

Fonte: Anexo às Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Evolução do crédito vencido



Fonte: BNA - Consolidado da Banca Comercial

Posição relativa dos bancos

Ao nível do crédito a clientes, o grupo dos cinco maiores bancos mantém-se inalterado, com as mesmas posições relativas do ano de 2010. O BESA passou a deter uma quota de 25,5%, seguindo-se o BPC, com uma quota de 21,4%.

Os cinco maiores bancos detêm, no seu conjunto, uma quota de mercado de 78,7%, o que compara com 79,3% em 2010.

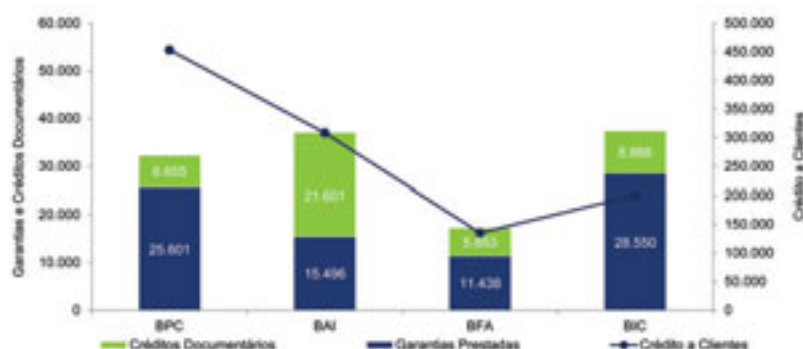
Ranking crédito a clientes

2011			2010		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BESA	25,5%	1	BESA	22,9%
2	BPC	21,4%	2	BPC	19,4%
3	BAI	15,2%	3	BAI	15,3%
4	BIC	9,9%	4	BIC	12,0%
5	BFA	6,7%	5	BFA	9,7%
6	BPA	6,0%	6	BPA	4,7%
7	BNI	3,3%	7	BNI	3,7%
8	BMA	3,1%	8	BMA	3,6%
9	BCI	1,8%	9	SOL	2,0%
10	BDA	1,8%	10	BCI	1,7%
11	SOL	1,7%	11	BDA	1,5%
12	BCGTA	1,4%	12	BRK	1,2%
13	BRK	1,3%	13	BCGTA	1,2%
14	FNB	0,4%	14	FNB	0,3%
15	BCA	0,2%	15	BCA	0,3%
16	BANC	0,2%	16	BANC	0,2%
17	VTB	0,1%	17	BMF	0,1%
18	SBA	0,0%	18	VTB	0,0%
19	BCH	0,0%	19	BCH	0,0%
20	BVB	0,0%	20	BKI	0,0%
21	BKI	0,0%	21	SBA	0,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

³ Esta análise não considera a totalidade dos Bancos que participam no estudo. Apenas foram considerados os 13 Bancos que disponibilizaram os anexos às demonstrações financeiras.

Garantias prestadas



Unidade: milhões de kwanzas.
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

No que diz respeito às garantias prestadas e créditos documentários em 31 de Dezembro de 2011, o BAI, BFA, BIC e BPC apresentam os volumes registados no gráfico ao lado.

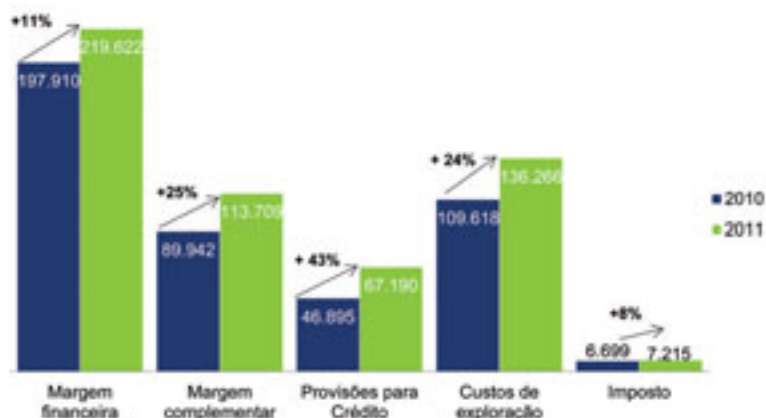
Resultados

Visão agregada

O produto bancário do sector bancário angolano aumentou, em 2011, para cerca de 333 mil milhões de kwanzas, o que representa um crescimento de 16% face a 2010.

Este crescimento resultou em grande medida do aumento verificado na margem complementar; no entanto, a margem financeira continua a manter-se a componente com maior peso nos resultados dos bancos.

Componentes do resultado



Unidade: milhões de kwanzas.
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

As provisões para crédito registaram, em 2011, um crescimento de 43%, situando-se em cerca de 67 mil milhões de kwanzas, o que compara com cerca de 47 mil milhões em 2010. Os custos de exploração ascenderam a 136 mil milhões de kwanzas, o que representa um crescimento de 24% face a 2010, reflexo do esforço dos bancos angolanos no crescimento das suas operações através do reforço da presença física em todo o país e do aumento do número de colaboradores.

O total de resultado líquido do sector diminuiu em cerca 1%, para cerca de 127 mil milhões de kwanzas, em 2011, face a 128 mil milhões em 2010.

Posição relativa dos bancos

No que se refere aos resultados, os cinco maiores bancos apresentaram os maiores resultados líquidos. Os resultados líquidos dos cinco maiores bancos representaram cerca de 82% do total.

Ranking resultados líquidos

2011			2010		
Ranking	Banco	Resultado	Ranking	Banco	Resultado
1	BESA	31.820	1	BESA	30.489
2	BFA	23.746	2	BFA	24.068
3	BAI	20.198	3	BAI	21.124
4	BIC	14.906	4	BPC	17.166
5	BPC	13.296	5	BIC	13.160
6	BCGTA	4.767	6	BPA	3.955
7	BPA	4.739	7	BCGTA	3.848
8	BMA	4.129	8	BMA	3.018
9	BNI	3.221	9	BNI	2.948
10	SOL	2.364	10	SOL	2.473
11	VTB	935	11	BCI	1.524
12	BCA	903	12	BDA	1.407
13	FNB	880	13	VTB	893
14	BRK	629	14	FNB	819
15	BDA	598	15	BCA	689
16	BANC	292	16	BANC	408
17	BCI	204	17	BRK	183
18	BKI	121	18	BMF	79
19	BCH	-215	19	BKI	39
20	BVB	-288	20	BCH	-77
21	SBA	-744	21	SBA	-479

Unidade: milhões de kwanzas. Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Rentabilidade

Visão agregada

No ano de 2011 verificou-se uma redução na rentabilidade dos capitais próprios médios (ROAE), que se situou em 25,4%, em comparação com 33,0% obtidos em 2010.

Indicadores de rentabilidade

	2011	2010	2009	2008
Margem Financeira	4,8%	5,2%	3,6%	4,6%
Margem complementar	2,5%	2,4%	4,2%	3,0%
Retorno dos activos médios (RÓAA)	2,7%	3,4%	3,4%	3,3%
Taxa de Alavancagem	9,3	9,3	10,6	13,7
Retorno dos fundos próprios médios (ROAE)	25,4%	33,0%	39,9%	41,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Ranking de rentabilidade (ROAE)

2011			2010		
Ranking	Banco	ROAE	Ranking	Banco	ROAE
1	VTB	42%	1	VTB	65%
2	BESA	39%	2	BESA	60%
3	BFA	37%	3	BFA	44%
4	FNB	28%	4	SOL	34%
5	SOL	27%	5	FNB	33%
6	BIC	26%	6	BAI	33%
7	BAI	25%	7	BPC	30%
8	BCA	24%	8	BPA	28%
9	BPA	22%	9	BIC	28%
10	BNI	21%	10	BNI	26%
11	BMA	21%	11	BCA	23%
12	BCGTA	19%	12	BMA	19%
13	BPC	18%	13	BANC	19%
14	BKI	17%	14	BCGTA	17%
15	BANC	12%	15	BCI	13%
16	BRK	8%	16	BDA	13%
17	BDA	5%	17	BKI	6%
18	BCI	2%	18	BMF	5%
19	SBA	-29%	19	BRK	3%
20	BVB	-30%	20	SBA	-26%
21	BCH	-45%	21	BCH	-65%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

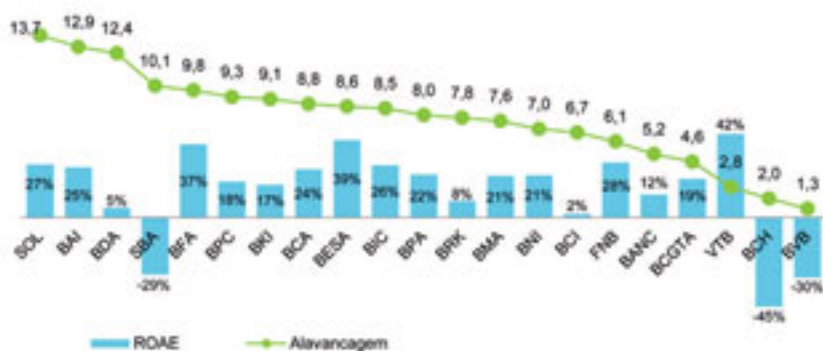
Posição relativa dos bancos

No que respeita à rentabilidade, destaca-se o VTB com 42% e o BESA com 39%.

Verifica-se uma elevada correlação entre a taxa de rentabilidade e o nível de alavancagem apresentado pelos bancos.

Importa salientar que o aumento do grau de alavancagem poderá aumentar o potencial de receita, mas expõe o banco a maiores riscos. Deste modo, caso fosse possível analisar a rentabilidade por unidade de risco, poderiam verificar-se alterações no que diz respeito ao ranking da rentabilidade.

ROAE vs. grau de alavancagem



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Eficiência

Visão agregada

Em 2011 verificou-se um novo aumento do indicador de custos de gerais de exploração sobre o produto bancário (rácio *cost-to-income*), como resultado do contínuo esforço de expansão e consolidação da actividade dos Bancos, bem como do crescimento mais moderado do produto bancário. Deste modo, este

indicador aumentou para 40,9%, face aos 38,1% de 2010.

Posição relativa dos bancos

Ao nível dos rácios de eficiência, destacam-se o BESA, com um rácio de *cost-to-income* de 21,9%, o VTB, com 31,5%, o FNB, com 32,0%, o BDA, com 35,2%, e o BAI, com 36,1%.

Indicadores de eficiência

	2011	2010	2009	2008
Cost-to-income	40,9%	38,1%	34,5%	37,7%
Rácio de eficiência	2,4	2,6	2,9	2,7
Custos operacionais (% Activos)	3,0%	2,9%	2,7%	2,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Cost-to-income (%)

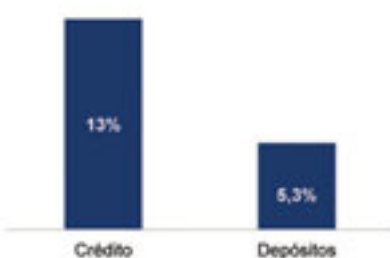
2011			2010		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BESA	21,9%	1	BESA	19,7%
2	VTB	31,5%	2	FNB	25,5%
3	FNB	32,0%	3	VTB	30,1%
4	BDA	35,2%	4	BAI	32,4%
5	BAI	36,1%	5	BFA	34,5%
6	BPC	36,3%	6	BPC	36,8%
7	BIC	37,3%	7	BIC	37,7%
8	BFA	39,4%	8	BCGTA	38,2%
9	BCGTA	40,9%	9	BPA	49,3%
10	BNI	45,9%	10	BNI	53,2%
11	BMA	55,4%	11	BMA	53,5%
12	BPA	59,4%	12	BDA	53,8%
13	BCA	59,4%	13	BCA	61,3%
14	BCI	68,3%	14	BCI	63,2%
15	BRK	69,3%	15	BANC	65,9%
16	BANC	81,1%	16	SOL	71,8%
17	SOL	82,0%	17	BRK	86,3%
18	BKI	111,5%	18	BMF	89,1%
19	SBA	174,9%	19	BKI	139,5%
20	BVB	544,0%	20	SBA	1123,7%
21	BCH	2593,9%	21	BCH	1241,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Conclusão

Ao longo do ano de 2011 a economia angolana continuou o percurso de recuperação que já tinha iniciado em finais de 2009. Voltaram a registar-se taxas de crescimento positivas do PIB, quer no sector petrolífero, quer no sector não petrolífero. A evolução do sector bancário acompanhou a dinâmica de crescimento económico em todos os agregados, tendo registado uma taxa de crescimento dos depósitos de cerca de 35% e do crédito concedido a clientes de 17%.

Taxas de evolução dos agregados de depósitos e créditos até Junho de 2012



Fonte: Agregados BNA.

Durante o primeiro semestre de 2012 continuou a registar-se um crescimento dos principais agregados; no entanto, a intensidade do crescimento alterou-se entre os agregados de depósitos e de créditos. De acordo com o BNA, os depósitos apresentam um crescimento de 5,3%, enquanto a taxa de crescimento do crédito se fixou em 13%. O sector bancário tem sido alvo de um aumento da regulamentação da sua actividade, que tem produzido efeitos ao nível da estabilização dos preços e da estabilidade cambial, por forma a implementar o compromisso de fortalecimento da moeda nacional.

As exigências do sector tornam-se cada vez mais desafiantes e têm impactado nas formas de organização e gestão das instituições financeiras no país. A entrada em vigor do Regime Cambial para o Sector Petrolífero é um dos exemplos. Prevê-se que esta legislação provoque um aumento significativo das transacções financeiras nos bancos nacionais e, consequentemente, um aumento da liquidez em moeda estrangeira. Estes factores irão trazer fortes desafios ao sector, quer ao nível da execução das transacções e do cumprimento dos níveis de serviço aos clientes quer ao nível da gestão de liquidez.

Demonstrações financeiras

Balanço dos Bancos

2011									
	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC	BCGTA
Activo									
Disponibilidades	202.719	11.349	16.272	25.433	48.143	121.846	98.602	178.339	36.013
Aplicações de Liquidez	438.186	7.899	9.079	16.462	2.861	132.603	65.241	31.190	18.425
Títulos e Valores Mobiliários	155.124	10.616	12.353	49.066	194.655	271.654	160.769	69.721	33.254
Instrumentos Financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	0	123	0	191	3	0	5	0	18
Operações Cambiais	0	74	0	807	0	2.424	0	0	1
Créditos	286.060	3.850	34.055	58.384	478.904	125.870	186.127	401.929	25.568
Outros Valores	14.889	490	5.323	4.656	73.197	2.516	4.780	30.689	420
Inventários comerciais e Industriais	0	0	0	0	99	0	0	0	0
Imobilizações	34.432	2.112	5.472	15.865	45.792	16.008	9.791	37.398	7.445
Total do Activo	1.131.410	36.513	82.554	170.864	843.654	672.921	525.315	749.266	121.144
Passivo									
Depósitos	996.148	29.571	58.962	111.209	276.102	589.014	419.608	577.651	88.711
Captação para Liquidez	9.673	0	7.407	30.668	467.536	4	23.684	20.042	103
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Instrumentos Financeiros	44	0	0	0	0	0	0	0	0
Derivados	44	0	0	0	0	0	0	0	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	16.510	239	1.072	1.409	55	2.959	7.349	34.290	346
Operações Cambiais	10.478	834	47	803	1	2.425	0	5.279	2.396
Outras Captações	2.409	1.164	0	0	82	0	7.778	13.593	0
Adiantamentos de Clientes	2.255	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras Obrigações	3.579	505	2.474	3.604	1.704	2.972	3.390	14.107	2.406
Provisões	2.629	51	345	597	191	6.712	1.548	3.782	1.094
Total do Passivo	1.043.724	32.364	70.307	148.290	745.671	604.086	463.357	668.744	95.056
Fundos próprios									
Capital	14.787	1.309	2.532	4.908	14.565	3.522	2.415	31.672	8.575
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	29	83	176	0	0	451	5.798	0	802
Reservas e Fundos	52.053	1.823	3.284	13.537	13.732	39.863	32.679	35.195	11.366
Resultados Potenciais	667	32	3.168	0	0	1.254	3	346	577
Reserva de Reexpressão	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultados Transitados	0	0	2.884	0	37.865	0	6.159	12	0
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-47	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado do Exercício	20.198	903	204	4.129	31.820	23.746	14.906	13.296	4.767
Total de Fundos Próprios	87.687	4.150	12.248	22.574	97.982	68.836	61.960	80.521	26.087
Total do Passivo e Fundos Próprios	1.131.410	36.513	82.554	170.864	843.654	672.921	525.315	749.266	121.144

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA



Milhões de Kwanzas											
BRK	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BKI	BCH	SBA	BVB
15.487	37.994	43.721	23.609	4.681	21.968	4.275	9.089	4.959	824	6.953	1.007
5.426	13.291	8.367	5.167	1.000	89.095	0	0	0	0	4.752	0
9.085	40.232	29.940	12.650	1.248	4.256	940	3.517	1.102	127	18.163	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5	362	54	0	278	0	0	1	0	29	0	1.102
0	0	2.780	0	286	0	0	0	0	0	0	0
24.510	32.814	112.342	62.015	3.319	33.664	2.114	6.829	0	58	566	35
4.004	2.815	8.510	1.272	1.375	5.457	43	622	1.090	33	2.464	21
0	0	0	0	0	713	0	0	0	0	0	0
3.006	5.645	17.451	11.005	1.741	620	253	1.254	122	377	780	232
61.523	133.153	223.165	115.718	13.928	155.774	7.625	21.312	7.273	1.448	33.678	2.397
50.894	118.433	176.492	86.224	9.171	0	2.655	16.058	5.865	600	26.673	465
0	0	8.992	0	187	0	907	0	0	0	1.478	0
0	717	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
195	984	294	855	1.445	0	6	336	2	20	60	3
58	1.638	2.776	4	287	0	0	0	0	0	0	0
1.999	127	4.764	10.365	0	138.989	724	445	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
256	1.107	1.408	1.674	141	4.184	571	936	542	102	1.757	15
226	455	525	56	11	76	56	35	69	0	372	1
53.628	123.461	195.251	99.178	11.242	143.249	4.919	17.810	6.478	722	30.340	484
4.000	1.378	19.055	6.039	1.750	4.019	1.400	1.332	375	0	4.599	2.200
0	0	0	0	0	0	0	0	0	1.000	0	0
3.129	965	1.800	3.203	644	5.590	201	1.289	322	15	52	0
3	301	0	0	0	0	0	0	0	1	-90	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
135	4.684	2.321	4.075	0	2.318	169	0	-23	-75	-479	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
629	2.364	4.739	3.221	292	598	935	880	121	-215	-744	-288
7.896	9.692	27.915	16.538	2.686	12.525	2.705	3.501	795	726	3.338	1.912
61.523	133.153	223.165	115.718	13.928	155.774	7.625	21.312	7.273	1.448	33.678	2.397

Demonstração de Resultados dos Bancos

2011									
	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC	BCGTA
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	50.183	1.635	5.940	12.161	89.151	40.588	36.871	81.769	6.149
2. (-) Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-21.373	-309	-1.484	-3.899	-46.687	-15.327	-19.058	-23.522	-3.020
3. Margem Financeira (1-2)	28.810	1.326	4.457	8.263	42.463	25.261	17.813	58.247	3.129
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	0	0	0	0	0	11	1.149	2.057	0
5. Resultados de Operações Cambiais	12.243	1.004	1.754	3.501	1.881	8.302	8.652	8.151	5.304
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	8.996	683	970	2.315	3.408	2.357	3.151	9.830	2.296
7. (-) Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-13.068	-119	-938	-1.792	-3.564	-1.227	-4.948	-30.523	-710
Resultados Planos de Seguros, Capitalização e Saúde Complementar	0	0	0	0	-155	0	0	0	0
8. Resultados de intermediação financeira (3+4+5+6+7)	36.981	2.894	6.242	12.287	44.033	34.705	25.817	47.762	10.019
9. (-) Custos Administrativos e de Comercialização	-18.083	-1.790	-4.903	-7.794	-10.480	-14.155	-11.530	-28.380	-4.384
10. (-) Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-1.725	-8	-177	-9	-191	-773	-317	-2.114	-366
11. Outros Proveitos e Custos Operacionais	340	-22	-820	12	-162	3.995	2.189	100	158
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais (10-11+9)	-19.468	-1.819	-5.901	-7.791	-10.833	-10.933	-9.659	-30.394	-4.592
13. Resultados de Imobilizações Financeiras	-154	0	0	-5	0	0	0	31	0
14. Resultado da Atualização Monetária Patrimonial	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15. Resultado Operacional (8-12+13+14)	17.359	1.074	342	4.491	33.200	23.772	16.159	17.398	5.427
16. Resultado não Operacional	1.673	-23	-137	15	0	-25	578	-269	24
17. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18. Resultado antes dos impostos e outros encargos (15+16+17)	19.032	1.051	204	4.506	33.200	23.746	16.737	17.129	5.451
19. (-) Encargos sobre o Resultado Corrente	1.166	-148	0	-376	-1.380	0	-1.831	-3.833	-684
20. Resultado do Exercício (18-19)	20.198	903	204	4.129	31.820	23.746	14.906	13.296	4.767

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA



Milhões de Kwanzas											
BRK	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BKI	BCH	SBA	BVB
4.092	9.204	17.176	9.154	638	7.973	441	1.507	23	16	985	3
-1.772	-3.443	-8.382	-3.729	-106	-2.989	-52	-531	-9	-9	-332	-1
2.319	5.760	8.794	5.425	531	4.983	389	976	14	7	652	2
20	0	0	51	5	-8	0	0	0	0	0	0
954	1.505	2.837	2.087	1.063	1.620	1.162	1.241	35	-1	500	54
1.135	2.440	1.987	2.087	198	1.622	465	716	1.074	3	833	9
-449	-1.038	-1.348	-1.994	-31	-4.720	-73	-629	-2	-3	-14	-1
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3.979	8.668	12.270	7.657	1.766	3.498	1.942	2.305	1.120	6	1.971	64
-3.069	-7.959	-8.084	-4.429	-1.457	-2.895	-635	-939	-1.253	-222	-3.472	-352
-28	-119	-225	56	-27	241	-10	0	332	0	0	0
0	816	-84	411	49	0	100	-33	-2	1	0	1
-3.097	-7.262	-8.393	-3.962	-1.436	-2.654	-545	-972	-922	-221	-3.472	-351
28	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
910	1.406	3.877	3.695	330	844	1.402	1.333	198	-215	-1.500	-288
-155	355	285	394	41	-247	-1	7	-12	1	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
755	1.761	4.162	4.089	372	598	1.401	1.340	186	-215	-1.500	-288
-126	603	577	-869	-80	0	-466	-460	-65	0	757	0
629	2.364	4.739	3.221	292	598	935	880	121	-215	-744	-288

Balanco Consolidado

	Milhões de Kwanzas	
Activo	31-12-2011	31-12-2010
Disponibilidades	913.284	800.587
Aplicações de Liquidez	849.045	372.276
Títulos e Valores Mobiliários	1.078.472	1.144.641
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	2.170	4.356
Operações Cambiais	6.373	5.072
Créditos	1.879.013	1.502.904
Outros Valores	164.666	107.206
Inventários comerciais e Industriais	812	3.737
Imobilizações	216.800	174.861
Total do Activo	5.110.633	4.115.641
Passivo		
Depósitos	3.640.507	2.622.790
Captação para Liquidez	570.683	509.768
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	717	205.538
Instrumentos Financeiros Derivados	44	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	68.430	147.627
Operações Cambiais	27.028	14.342
Outras Captações	182.440	116.442
Adiantamentos de Clientes	2.255	1.047
Outras Obrigações	47.434	39.957
Provisões	18.828	14.509
Total do Passivo	4.558.364	3.672.020
Fundos próprios		
Capital	130.429	114.987
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	8.337	8.709
Reservas e Fundos	220.743	156.163
Resultados Potenciais	6.262	6.027
Reserva de Reexpressão	0	0
Resultados Transitados	60.044	30.070
(-) Dividendos antecipados	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-47	-68
Resultado do Exercício	126.501	127.731
Total de Fundos Próprios	552.268	443.621
Total do Passivo e Fundos Próprios	5.110.633	4.115.641

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA

Demonstração de Resultados Consolidada

Milhões de Kwanzas

	31-12-2011	31-12-2010
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	375.658	323.429
2.(-) Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-156.036	-125.519
3. Margem Financeira (1-2)	219.622	197.910
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	3.286	2.469
5. Resultados de Operações Cambiais	63.850	51.590
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	46.574	35.882
7.(-) Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-67.190	-46.895
8. Resultados de intermediação financeira (3+4+5+6+7)	265.986	240.957
9.(-) Custos Administrativos e de Comercialização	-136.266	-109.618
10. (-) Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-5.461	-3.778
11. Outros Proveitos e Custos Operacionais	7.048	6.434
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais (10-11+9)	-134.679	-106.961
13. Resultados de Imobilizações Financeiras	-94	-4
14. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	0	-1.318
15. Resultado Operacional (8-12+13+14)	131.213	132.675
16. Resultado não Operacional	2.504	1.755
17. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0
18. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (15+16+17)	133.717	134.430
19. (-) Encargos sobre o Resultado Corrente	-7.215	-6.699
20. Resultado do Exercício (18-19)	126.501	127.731

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA



Indicadores Consolidados

	2011	2010	2009	2008	2007
DIMENSÃO E CRESCIMENTO					
Crescimento de depósitos a clientes (%)	39,0%	13,8%	65,1%	59,3%	45,4%
Crescimento de crédito a Clientes (%)	25,0%	15,6%	59,3%	59,1%	82,9%
Crescimento dos activos	24,2%	19,7%	29,2%	93,3%	62,1%
SOLIDEZ E LIQUIDEZ					
Fundos próprios / activo total (%)	10,8%	10,7%	9,5%	7,3%	9,1%
Crédito líquido a clientes sobre depósitos de clientes (%)	51,6%	57,3%	54,0%	55,9%	56,0%
Depósitos a prazo sobre depósitos totais (%)	43,1%	38,7%	32,1%	17,8%	20,2%
QUALIDADE DOS ACTIVOS					
Provisões de crédito / crédito total (%)	6,8%	6,5%	4,2%	4,7%	3,8%
PERFORMANCE					
Rentabilidade dos fundos próprios médios (ROAE) (%)	25,4%	33,0%	39,9%	41,9%	32,1%
Rentabilidade dos activos médios (ROAA) (%)	2,7%	3,4%	3,4%	3,3%	2,9%
Receitas líquidas de juros / activos médios (%)	4,8%	5,2%	3,6%	4,6%	4,8%
Margem complementar / activos médios (%)	2,5%	2,4%	4,2%	3,0%	3,7%
Produto bancário bruto / activos médios (%)	7,2%	7,6%	7,8%	7,6%	8,4%
PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA					
Custos de exploração / produto bancário bruto (%)	40,9%	38,1%	34,5%	37,7%	44,3%
Custos de exploração / activos médios (%)	3,0%	2,9%	2,7%	2,9%	3,7%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA





O Banco de todos
os momentos.

Investimos em si.

BAI - Banco Angolano de Investimentos

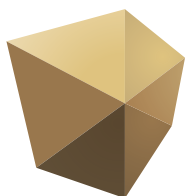
Seja presente nas províncias do país, seja em torno do continente africano, ou mesmo ao redor do planeta, o BAI leva Angola consigo. A principal marca desta instituição é a sua nação. Uma nação capaz de prosperar, ir além, de conquistar credibilidade e conceder crédito aos seus. Uma nação que pode contar com uma instituição sólida, capaz de construir, planejar, incentivar e encontrar novos caminhos sem perder a identidade. Um Banco que tem como principal marca a capacidade de investir em si.



Angola • Cabo Verde • Portugal • África do Sul



www.bancobai.ao



PRÉMIOS SIRIUS 2012

Distinguir a excelência, promover o futuro.

Em 2012, o céu de Angola brilhará novamente.

Depois do sucesso da 1ª edição dos Prémios Sirius está confirmada a importância de uma iniciativa que homenageia a excelência. A excelência deve estar sempre na base da gestão e da criação de valor.

Este ano, partimos para a 2ª edição dos Prémios Sirius, que promete ser o evento empresarial mais brilhante de 2012.

A actuação dos Líderes desenha o percurso de ascensão a ser seguido. O nosso compromisso é manter esse caminho sempre iluminado.

Saiba mais em www.deloitte.co.ao ou contacte sirius@deloitte.co.ao

Vencedores da categoria Branding do Prémio de Marketing & Vendas 2012 - uma iniciativa do iiR Angola.

Deloitte.

"Deloitte" refere-se à Deloitte Touche Tohmatsu Limited, uma sociedade privada de responsabilidade limitada do Reino Unido, ou a uma ou mais entidades da sua rede de firmas membro, sendo cada uma delas uma entidade legal separada e independente. Para aceder à descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu Limited e suas firmas membro consulte www.deloitte.com/pt/about.

© 2012 Deloitte & Touche - Auditores Limitada

